

Carlos Alexandre
Gonçalves

Estudos em
Morfo Pragmática e
Morfologia
Diacrônica

Booklink

Estudos em Morfopragmática e
Morfologia Diacrônica

Carlos Alexandre Gonçalves

Prefácio

Um convite à reflexão: essa é, em síntese, a afirmação que caracteriza **Estudos em morfopragmática e morfologia diacrônica**, de Carlos Alexandre Gonçalves, autor de vários trabalhos nas áreas da Morfologia e da Fonologia. Nesta obra, encontram-se análises criteriosas de fenômenos flexionais e derivacionais sob um enfoque recente nos estudos morfológicos do Português: a morfopragmática.

Com base nesse campo interdisciplinar, observa-se a tessitura do livro, composto de duas partes. Na primeira, Gonçalves apresenta a diferença entre Flexão e Derivação em termos escalares, bem como processos de flexão e de derivação através dos quais os usuários da língua expõem pontos de vista, julgamentos de valor e marcas de identidade. Na segunda, informações diacrônicas são tomadas com a finalidade de fundamentar as proposições teóricas postuladas para os fenômenos pesquisados, revitalizando os estudos em morfologia diacrônica.

As teses de escalaridade para Flexão-Derivação e Composição-Derivação apresentadas por Gonçalves neste livro fundamentam-se em bibliografia especializada com

desdobramentos atuais da morfopragmática em língua portuguesa, contribuindo, assim, com questões que podem propiciar novos projetos de pesquisa a serem explorados dentro dessa abordagem tão interessante devido à relação entre aspectos formais e pragmáticos envolvidos nas análises propostas.

Trata-se, portanto, de uma obra que reúne estudos morfológicos interessantes para a agenda de pesquisadores envolvidos com essa área, porque abre questionamentos relevantes, e de estudantes, devido à possibilidade de tomar contato com análises revigorantes que enriquecem as teorias apresentadas em textos básicos sobre a morfologia portuguesa.

Sandra Pereira Bernardo
Doutora em Linguística pela UFRJ
Professora da UERJ e da PUC-Rio

Índice

Apresentação	01
UNIDADE 1:	
Estudos em Morfopragmática	07
CAPÍTULO 1:	
Modalização apreciativa: Flexão e Derivação	08
CAPÍTULO 2:	
Morfopragmática da intensificação sufixal	15
0. A intensificação	15
1. O reforço prosódico da intensificação	18
2. Sufixos intensivos como marcadores de estereótipos	20
3. A função indexical dos sufixos intensivos	27
4. Palavras finais	32
4.1 A relação Prosódia-Morfologia nos superlativos derivados	32
4.2 Outros processos com função indexical	34
UNIDADE 2:	
Estudos em Morfologia Diacrônica	37
CAPÍTULO 3:	
Formações X-nt: da Flexão em latim à Derivação em português	39

0. Palavras iniciais	39
1. O particípio presente latino	40
2. O status flexional do Ppres latino	41
3. -nt como afixo derivacional em português	44
4. Palavras finais	48
CAPÍTULO 4:	
Caminhos da mudança morfológica em português	51
0. Palavras iniciais	51
1. As formas X-nt: discutindo sua evolução histórica	53
2. Formas X-ólogo/X-ógrafo: da Composição para a Derivação	54
3. O comportamento de -ariu(m): do latim ao português arcaico	63
4. Sobre o retorno das formas X-ário	73
5. Os caminhos da mudança	79
Referências Bibliográficas	81

.0. **Apresentação**

Neste volume, apresentam-se abordagens recentes sobre a Morfologia do português desenvolvidas em duas grandes linhas de investigação: a Morfopragmática (Kiefer, 1998) e a Morfologia Diacrônica (Joseph, 1998).

Integram a primeira unidade — ***Estudos em Morfopragmática*** — dois trabalhos. O primeiro, que focaliza as diferenças entre Flexão e Derivação, discute a presença da modalização apreciativa (Loures, 2000) em várias construções morfológicas do português. Uma vez que a Flexão também pode servir de veículo à expressão de pontos-de-vista do falante, conclui-se que a função discursiva dos processos de formação de palavras, nos termos de Basílio (1987), não constitui critério empírico adequado para diferenciar Flexão de Derivação. Para validar essa afirmação, contrastam-se os afixos de grau com o de gênero, ressaltando-se que as formações femininas, por serem bem mais marcadas que as masculinas correspondentes, também podem ser utilizadas com finalidades expressivas.

No capítulo 2, focaliza-se a intensificação sufixal em português. Frisando-se que afixos intensivos são relevantes pragmaticamente, observa-se que a estrutura de palavras derivadas pode ser tomada como indício da situação do

discurso, uma vez que revela o impacto pragmático do falante em relação a algo/alguém. Nesse mesmo capítulo, ressalta-se que sufixações intensivas vêm acompanhadas de reforço prosódico (o acento enfático), sendo, por isso, extremamente marcadas do ponto-de-vista fonológico. Por fim, defende-se a idéia de que os sufixos -érrimo, -íssimo e -ésimo apresentam função indexical, no sentido de veicularem informações relevantes acerca de estilos vocais específicos, como o efeminado, sendo, dessa forma, evitados na fala masculina.

A unidade 2 reúne ***Estudos em Morfologia Diacrônica***. No capítulo 3, o foco é a transição das formas X-nt da Morfologia Flexional para a Derivacional. Observando-se a trajetória histórica das formas X-nt, demonstra-se que a terminação -nt passou de desinência de particípio presente, categoria flexional em latim, a sufixo formador de agentivos deverbais em português. Esse percurso reforça a proposta de Bybee (1985), segundo a qual não há limites intransponíveis entre a Flexão e a Derivação. Nessa perspectiva teórica, apresenta-se uma justificativa para a mudança operada com o sufixo -nt, enfatizando-se a atuação dos chamados “determinantes da expressão flexional” (Bybee, 1985).

No capítulo 4, a proposta de *continuum* Composição-Derivação é avaliada à luz de evidências diacrônicas, evidenciando-se que nem todas as mudanças morfológicas são necessariamente frutos de fossilização da Sintaxe. Para tanto, são analisadas longitudinalmente duas construções: (a) agentivos X-ólogo e X-ógrafo (‘brasílólogo’, ‘demógrafo’) e (b) agentivos X-ário e X-eiro (‘chaveiro’, ‘hidroviário’).

Por fim, são apresentadas algumas reflexões sobre os caminhos da mudança morfológica. Em linhas gerais, as evidências diacrônicas sustentam a proposta de Bybee (1985), no que diz respeito (a) às noções de escalaridade e prototipicidade e (b) à idéia de *continuum* entre os processos morfológicos.

Espera-se, com isso, fornecer ao leitor uma visão atualizada e corrente sobre os desdobramentos mais recentes dos estudos morfológicos. Ao privilegiar o português, pretende-se despertar, no leitor, o interesse pelo desenvolvimento de possíveis pesquisas na área, uma vez que esses campos vêm se revelando cada vez mais produtivos na elaboração de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado em Morfologia do Português (cf., p. ex., os trabalhos de Piza, 2001; Silveira, 2002; e Alves, 2002).

Unidade 1:

Estudos em
Morfo Pragmática

.1.

Modalização apreciativa: Flexão e Derivação

o. Palavras Iniciais

Vários critérios são freqüentemente utilizados para distinguir Flexão de Derivação (Gonçalves, 2001). Dentre eles, destacam-se a relevância sintática e a mudança de classe, uma vez que operações flexionais, além de não modificarem a categorização lexical das bases, são consideradas obrigatórias num contexto sintático específico. Neste capítulo, apresentamos mais um parâmetro distintivo: a possibilidade de o falante expressar juízos de valor nas construções morfológicas. Ao discutir a viabilidade de aplicação desse critério empírico, procuramos mostrar que a Flexão também serve como veículo para a exteriorização de pontos-de-vista do emissor, uma vez que igualmente atua na interface da Morfologia com a Pragmática.

De acordo com Dressler (1986), o emissor pode externar seu ponto-de-vista através do uso de determinadas marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado dos afixos pode se alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação lingüística). Para esse autor, a Derivação tende a veicular juízos de valor e sinalizar impressões subjetivas do falante. A Flexão, por operar com significados mais gramaticais, nunca revela o

impacto pragmático do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor. Em outras palavras, somente a Derivação se presta à modalização apreciativa (Loures, 2000), através da qual o locutor imprime sua marca ao enunciado, inscrevendo-se, explícita ou implicitamente, na mensagem.

Como mostra Basílio (1987: 74), a pejoratividade é o caso por excelência do que chama de “função discursiva” dos processos de formação de palavras. Construções como ‘livreco’/‘timeco’ e ‘fofoqueiro’/‘internetes’ tendem a ser utilizadas para avaliar negativamente algo/alguém que o falante tem a intenção de depreciar. A idéia de dimensão não se manifesta no primeiro par: -eco externaliza uma opinião sobre o livro e o time, considerados ruins ou de má qualidade. No segundo par, o uso de -eiro também imprime pejoratividade às formações, haja vista ser considerada excessiva a frequência com que se pratica a atividade especificada na base. Portanto, -eco e -eiro seriam afixos derivacionais em português, já que externalizam uma impressão negativa do emissor acerca de algo/alguém.

Avaliações positivas também podem ser encontradas nos processos derivacionais. O significado ‘grande’ está longe de ser atualizado em formas como ‘carrão’, ‘casarão’ e ‘mulheraço’. Nesses exemplos, impressões subjetivas levam a qualificar referentes a partir de atributos como conforto, beleza e qualidade. No exemplo abaixo, a forma aumentativa não foi empregada para realçar o tamanho do automóvel, que, como se sabe, não é de grandes proporções, mas para manifestar um julgamento positivo em relação ao veículo:

- (01) José comprou um Ford Ka completíssimo!
Olha... é um **carrão!**

O significado de -inho também é determinado pelo contexto sócio-interacional, haja vista que esse sufixo veicula carga emocional variada, emprestando à mensagem maior força comunicativa: pode expressar dimensão, como em (02), apreço (03), despreço (04) ou, ainda, afeto (05).

- (02) Como a flor era bem pequena, coloquei-a num **vasinho** para que ela sobressaísse.

- (03) Comprei um **carrinho** excepcional. Além de bonito, ele corre à beça.

- (04) O R. é um **tipinho** insuportável.

- (05) **Filhinho**, vê se come logo a **comidinha**.

Como se vê, o dimensionamento operado por -inho não é absoluto, pois esse sufixo, nas palavras de Rio-Torto (1993: 104), *tende a realçar semas quantitativos e/ou qualitativos em função dos padrões individuais e subjetivos do falante*. Os exemplos (02-05) mostram que -inho admite usos bastante variados e só contextualmente podemos depreender (a) o significado desse sufixo e, em consequência, (b) a real intenção do falante.

Por esse critério (o das eventuais impressões subjetivas do falante), os afixos chamados dimensivos (Rocha Lima, 1975) devem ser caracterizados como derivacionais. A infinidade de matizes afetivos é indício de que formações aumentativas e diminutivas devem ser

sempre analisadas em relação a um contexto. Dependentes da situação comunicativa, os significados dos afixos de grau são, nas palavras de Levinson (1983: 23), *negociáveis na transação conversacional*. É tão grande a expressividade dos sufixos -ão e -inho que, quando usados na acepção dimensiva, quase sempre vêm acompanhados de adjetivos ou de outras partículas que indiquem grandeza/pequenez (Loures, 2000). Tal é o caso do exemplo (06). Observe-se que a idéia de tamanho é acentuada pela locução adverbial 'tão pequeno', sem a qual a forma 'livrinho' poderia ser interpretada como pejorativa.

(06) Finalmente comprei o **livrinho** que o professor recomendou. É tão pequeno que cabe no bolso da minha camisa.

Afixos de grau (aumentativos, diminutivos e superlativos) apresentam função atitudinal e, por isso, tendem a atuar na interface Morfologia-Pragmática, o que justifica seu tratamento no âmbito da Morfopragmática (Dressler & Kiefer, 1993; e Kiefer, 1998).

Primeiramente proposto por Dressler & Kiefer (1990), Morfopragmática é um termo auto-explicativo: denomina a disciplina que descreve as relações entre Morfologia e Pragmática. No que diz respeito à derivação (Gonçalves, 2001), ganha destaque a modalização apreciativa, através do qual o emissor imprime sua marca à palavra, deixando registrada sua impressão — negativa ou positiva — a respeito de algo ou alguém. Essa área de investigação não só abriga, como também respalda, a investigação de processos de formação de palavras em que a função primária não é a sintática ou a semântica, como os

sufixos analisados neste capítulo. Por exemplo, processos de gradação têm descrição bastante empobrecida em modelos formais, que enfatizam fundamentalmente as condições de produtividade que operam sobre bases e produtos (Kastovsky, 1986). A gradação é relevante pragmaticamente porque dimensão e intensidade são significados que necessariamente envolvem avaliações/julgamentos por parte do falante.

Levando em conta a interação Morfologia-Pragmática, podemos afirmar que o uso de afixos derivacionais pode ser condicionado (a) pelo nível de envolvimento entre o falante e o ouvinte; (b) pelos propósitos comunicativos do emissor frente à audiência; e (c) pelo grau de formalidade do discurso. Tais condicionamentos podem favorecer a proliferação de determinadas formas e interditar a criação de outras. Logo, a Derivação se submete às condições de produção, nos termos de Basílio (1990: 3), uma vez que *depende de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática*.

Com produtividade plena e significado transparente, afixos flexionais não têm uso limitado pelas condições de produção. De fato, não há contexto situacional que iniba ou interdite a anexação do -s de plural ou do -ria de futuro do pretérito. Além disso, não há qualquer intenção avaliativa — positiva ou negativa — quando o falante acrescenta esses formativos a uma determinada base. Em outras palavras, -s e -ria não apresentam *significado pragmático* (Kiefer, 1998): são sempre usados para expressar as categorias Número e Tempo/Modo/Aspecto, respectivamente. Como não servem de veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou alguém, -s e -ria devem ser

considerados flexionais pelo parâmetro ora utilizado para diferenciar a Flexão da Derivação.

Como se vê, o critério empírico em exame constitui importante ferramenta para a checagem do *status* morfológico de afixos. No entanto, há casos que nos levam a questionar a eficácia desse parâmetro, uma vez que a estrutura de palavras flexionadas pode ser tomada como indício da situação do discurso e/ou do evento do discurso.

De acordo com Kiefer (1998), a escolha de uma forma flexional em detrimento de outra pode ser pragmaticamente condicionada. No húngaro, por exemplo, imperativos se manifestam pelo acréscimo do sufixo -d ('mond-d', "diga") ou de sua variante -jad ('mond-jad', "diga"). Nas palavras de Kiefer (op. cit.: 274), *a forma mais curta é tipicamente usada para emitir uma ordem mais forte, enquanto a mais longa é proferida quando o falante quer emitir uma ordem mais atenuada*. Dessa maneira, as variantes de imperativo em húngaro são indicadoras do evento do discurso e dão mostras de que a estrutura de palavras flexionadas pode (a) apresentar valores expressivos e (b) servir como veículo para a expressão de significados mais pragmáticos.

No caso do português, também há um problema quanto à aplicação desse critério empírico: o gênero feminino. Algumas formas, além de veicularem a idéia de feminino, são marcadas por forte conotação depreciativa, quando comparadas às de masculino. Tal é o caso dos exemplos de (07):

(07)	vagabundo	vagabunda
	vadio	vadia
	cachorro	cachorra
	bruxo	bruxa
	preparado	preparada

Embora as bases sejam negativas (pelo menos as quatro primeiras), as formas de masculino são, sem dúvida alguma, menos marcadas quanto à pejoratividade. As de feminino apresentam função atitudinal, uma vez que são bem mais depreciativas. Por exemplo, 'vagabunda' não é somente o "ser do sexo feminino que não trabalha; ociosa, à toa", mas também a "mulher que tem vida fácil; prostituta". O mesmo pode ser dito em relação à 'vadia'. Interessante ressaltar que a forma do masculino pode ser neutra, como acontece com 'preparado'. A recente formação 'preparada' evidencia que o feminino recebeu conotação negativa, uma vez que, nos bailes *funk*, faz referência à mulher que vai para o clube "sem calcinha, pronta para praticar relações sexuais" (cf. matéria "Mulheres e *Funk*", publicada no Jornal **O Dia**, em edição de 15/03/2001).

Os exemplos de (07) evidenciam que juízos de valor podem estar embutidos nas formas de feminino, o que nos levaria a caracterizá-las como derivacionais pelo critério em exame. Essa proposição contraria a idéia de que o Gênero, por ser uma categoria manipulada pela Sintaxe, deve ser analisado com flexional.

Se, por um lado, a grande maioria dos afixos derivacionais de fato atua na interface com a Pragmática, por outro, há aqueles que não se prestam à veiculação de pontos-de-vista do falante, como -douro (de 'ancoradouro' e

'abatedouro') e -ivo (de 'participativo' e 'comemorativo'), entre outros, que nunca revelam o impacto pragmático do falante em relação a algo/alguém. Da mesma forma, há afixos flexionais que podem apresentar valor pragmático, como vimos. Portanto, o critério distintivo focalizado neste capítulo deve ser testado em termos relativos, não servindo como ferramenta imperativa na tarefa de diagnosticar o teor flexional/derivacional de um processo morfológico do português.

.2.

Morfopragmática da intensificação sufixal em português

o. A Intensificação

Vista como recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase (Gonçalves, 1997), a intensificação vem sendo caracterizada como uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes (Brunner, 1995). Por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva (ou ponto-de-vista) do emissor que, ao intensificar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito de algo ou alguém, conferindo ao item enfatizado relevância tamanha que o torna marcado.

Variadas são as estratégias utilizadas para expressar intensidade em português e, dentre elas, destacam-se as morfológicas, veiculadas pelos chamados afixos de grau. Dessa maneira, a intensificação dá mostras de um profundo relacionamento entre Morfologia e Pragmática, uma vez que a estrutura de palavras como 'chiquérrimo' e 'ultra-barato' serve como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente à audiência (Dressler & Kiefer, 1990), o que justifica

seu tratamento no âmbito da Morfopragmática (Kiefer, 1998).

Correlatos prosódicos desempenham papel igualmente significativo no realce de um vocábulo por intensificação. Nessa empreitada, podem atuar sozinhos ou sobrepostos às marcas textuais — advérbios focais ou afixos de grau. O alongamento excessivo da sílaba tônica pode levar à intensificação de uma forma, independente de qualquer informação morfossintática, como se vê no exemplo (01). Em vocábulos que portam uma semântica intensiva inerente, como ‘péssimo’, ‘horível’, ‘terrível’ e ‘adoro’, que podem ser considerados enfáticos por natureza própria, a intensidade extra dada à sílaba inicial parece ser a marca prosódica da intensificação (exemplo 02).

(01) E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma carne assada gos**TOOOOO**sa...

(02) Tenho a impressão de que o filme do Intercine vai ser um **HO**rror! Não gosto muito de filmes de terror. De aventura, eu realmente **A**doro, mas de terror eu **DE**testo.

Neste capítulo, procuramos mostrar que a intensificação morfológica manifesta pelos sufixos -íssimo, -ésimo e -érrimo tende a apresentar reforço prosódico e, paralelamente à exteriorização de atitudes subjetivas, também pode servir como meio de sinalização do falante (ou de grupos de falantes), apresentando função indexical¹.

¹ Termo tomando de empréstimo das abordagens fonéticas sobre Entonação (Cooper-Kuhlen, 1986). Nesse sentido, apresenta função indexical todo e qualquer mecanismo que sirva como índice para o reconhecimento de certos traços sociolinguísticos do falante (classe social, etnia, faixa etária, sexo etc).

Ao que tudo indica, homens tendem a optar por estratégias sintáticas de intensificação ou por prefixos intensivos, evitando o uso de -íssimo, -ésimo e -érrimo, por perceberem neles forte associação com a fala feminina. Dessa maneira, haveria nos sufixos intensivos indício de vinculação com o falar feminino, de uma forma geral, e com o falar “gay”, mais restritivamente.

Com o objetivo de testar essa hipótese, rastreamos dados a partir do Corpus PEUL conhecido por “Recontato” — acervo de fala informal e semi-espontânea constituído de doze informantes, seis de cada sexo, entrevistados no final da década de 90². Para checar a atuação de possíveis marcas prosódicas da intensificação sufixal, utilizamos o Programa Computacional CECIL, em sua segunda versão, que forneceu os quantitativos para os correlatos físicos controlados — duração, frequência fundamental (F \emptyset) e intensidade³.

Este capítulo aparece estruturado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos os resultados da análise laboratorial, conferindo se existem marcas prosódicas sistemáticas nas formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo; na seção 2, observamos como se distribuem as estratégias de intensificação nos informantes da Amostra Recontato-PEUL, para, a seguir, discutir a possível função indexical dos sufixos intensivos. Por fim, na seção 4, sintetizamos as principais conclusões do estudo, sugerindo estender o que chamamos de função indexical a outros processos de formação de palavras.

² Para maiores detalhes sobre o *Corpus* Recontato, ver Marafoni (2000).

³ Maiores detalhes sobre o Programa CECIL podem ser obtidos em Gonçalves (1997) e em Yacovenco (2000).

1. O reforço prosódico da intensificação sufixal

Num universo de cento e sessenta e dois dados, trinta e um envolveram sufixação intensiva: 20 com -íssimo, 8 com -érrimo e 3 com -ésimo. Submetidos ao CECIL, os dados revelaram forte atuação dos correlatos físicos, o que mostra haver um padrão prosódico regular associado às palavras que veiculam intensidade por meio de sufixos. Em todos os vocábulos, houve considerável elevação da frequência fundamental na primeira sílaba, independentemente (a) da distância em relação à tônica, (b) da extensão da palavra ou (c) da entonação modal. Além de proeminente em termos de altura, a primeira sílaba se revelou saliente também quanto à intensidade. De fato, tal sílaba, por apresentar quase duas vezes mais amplitude que as demais, pode ser considerada superintensa. Vejam-se os exemplos⁴:

(03) Eu achei o bebezinho da A. **LIIN**désimo.

(04) Aí, quando eu vi que, que... é... ela já tinha chegado. Ela, ela... é... chegou **RA**pidíssimo.

A primeira sílaba pode ou não ser a mais longa do grupo e, conforme o caso, tende a condicionar a tônica em termos de duração. Quando a sílaba inicial é a mais longa, a tônica apresenta baixo tempo de emissão, como se vê no

⁴ Nos exemplos, utilizamos as seguintes convenções para dar conta da atuação dos correlatos acústicos: (a) a sílaba em caixa alta é a que apresenta elevação na Frequência Fundamental (F₀); (b) o negrito representa intensidade extra; (c) alongamento de vogais simboliza reforço em termos de duração (quanto maior o tempo de emissão da sílaba, maior o número de vogais repetidas); por fim, (d) itálico simboliza queda de F₀.

exemplo (05). Ao contrário, quando a primeira sílaba é breve, a tônica vem a ser a mais longa do grupo (06).

(05) Nunca vi igual... a menina era encapetada.
Menina, a gurria era **LEE**vadíssima!

(06) A loja de roupa, tinha que ver... CHI**qu**éeeerrima!

A análise laboratorial autoriza-nos afirmar que a intensificação veiculada pelos sufixos é solidamente acompanhada pela atuação dos correlatos prosódicos, o que leva a entender que a entonação funciona como reforço, podendo ser concebida como verdadeira “intensificadora da intensificação”. Dito de outra forma, há uma espécie de acento de intensificação nas palavras que materializam o grau através da derivação sufixal, acento esse que se manifesta, invariavelmente, na primeira sílaba.

O único dado que apresentou comportamento prosódico diferente foi (07), a seguir. Nele, manifesta-se o ritmo silábico, decorrente sobretudo da pausa entre as sílabas do item superlativizado. Os índices de duração e intensidade são relativamente iguais para todas as sílabas, criando, assim, um ritmo específico, caracterizado pela isocronia e pela falta de contraste entre sílabas acentuadas e não-acentuadas. Nesse exemplo, a palavra derivada tem suas sílabas literalmente escandidas, correspondendo ao que Cagliari (1992) chama de ‘fala silabada’.

(07) O que? Adoro ele, que ele é lindo demais, que é
GA-TÉ-SI-MO!

Ainda assim, é possível afirmar que a informação morfológica vem acompanhada de reforço prosódico, o que

leva a crer que o valor expressivo de formas como 'lindésima' e 'cheiérrima' não está localizado somente no sufixo, mas também nas proeminências acentuais da palavra derivada. Dessa forma, Morfologia e Prosódia atuam em conjunto na tarefa de veicular informações acerca da atitude do falante, que, nesse caso, realça positivamente o valor de um termo expresso na sentença. Há, nessas palavras, dois recursos lingüísticos que levam à expressão da intensidade: o acréscimo do sufixo de grau e o acento na primeira sílaba do derivado (ou o ritmo silábico).

O uso da marca morfológica de intensificação, acrescido do reforço prosódico, manifesta o impacto pragmático que algo (alguém ou um acontecimento) provocou no emissor. Mais do que expressar intensidade, tais formas põem em evidência a impressão do falante, seu parecer, e levam a audiência a também focalizar, pondo em primeiro plano o que passou pelo crivo do emissor. Há, nas construções analisadas, duas funções que se sobrepõem: a semântica e a discursiva⁵.

2. Sufixos intensivos como marcadores de estereótipos

Afirmamos, na seção 1, que apenas 31 dos 162 dados rastreados veicularam intensificação através de sufixos. Dessa maneira, a derivação sufixal concorre com outras estratégias — sintáticas, morfológicas e fonológicas — na tarefa de atribuir intensificação. Dentre as estratégias sintáticas, destacam-se as comparações, as repetições e o uso de advérbios focais (08, 09 e 10, nesta ordem). Nas

⁵ As funções sintática (mudança de classe), semântica (acréscimo de significado) e discursiva (expressão de pontos-de-vista do emissor) são propostas por Basílio (1987) para caracterizar os processos de formação de palavras.

fonológicas, sobressai o alongamento da tônica e a escanção silábica (11 e 12, respectivamente). No âmbito da Morfologia, também prefixos podem expressar a noção de intensidade (13).

(08) A B. é muito batalhadora... Corre de lá pra cá o tempo todo, vive fazendo mil coisas ao mesmo tempo... **Eu acho ela forte como um touro.**

(09) Tinha que ver, menina, lindinha a garotinha... **linda, linda, linda.**

(10) Muito legal a aula... O professor é bom demais, sabe tudo. Tem professor que nem precisa ler nada pra dar aula. Esse cara é inteligente **pra burro**, inteligente **pacas.**

(11) O engarrafamento na ponte tava de lascar. Tudo parado... Nada andava... **ÔÔÔOnibus** que não acabava mais.

(12) Eu não gosto muito de feijão não... Prefiro arroz, mas o que E. faz é simplesmente **MA-RA-VI-LHO-SO.** Ela simplesmente **AR-RA-SA!!**

(13) Sabe, J., eu sempre gostei muito de acompanhar tendências. Gosto de andar **arqui-arrumada**, até mesmo pra ir trabalhar.

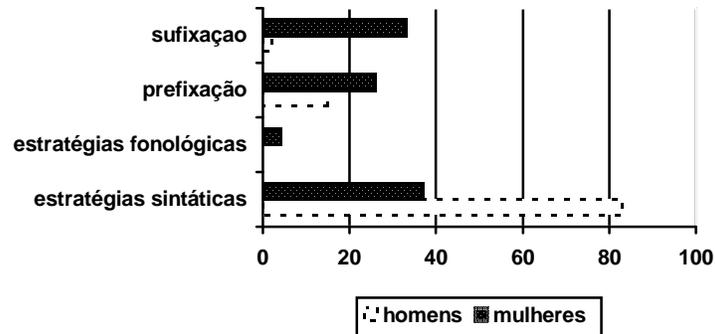
Pelos exemplos, pode-se perceber que as estratégias de intensificação constituem formas alternantes de dizer a mesma coisa. De fato, o requisito do “mesmo” opera aqui de maneira bastante inequívoca, haja vista esses recursos serem idênticos com relação ao valor de verdade. No

entanto, seu uso pode divergir quanto à significação social e/ou estilística. Em outras palavras, queremos argumentar que essas estratégias podem ser vistas à luz do 'Princípio da Reinterpretação' (Lavandera, 1984: 49-50), pois *são formas alternantes que revestem o mesmo conceito, mas diferem quanto ao sentido estilístico-contextual, uma vez que este último pode reinterpretar-se como vestígio de um sinal codificado sócio-culturalmente* [grifo nosso].

No Gráfico abaixo (14), aparecem os resultados da distribuição das diversas estratégias de intensificação segundo o sexo do informante. Observe-se que os homens optaram pelas estratégias sintáticas e pelo uso de prefixos, havendo apenas uma ocorrência de sufixo intensivo (no caso, de -íssimo). Não foi registrado um caso sequer de intensificação fonológica. Nas mulheres, ao contrário, as estratégias apresentam-se distribuídas mais uniformemente, muito embora só tenha havido 4 dados de intensificação fonológica⁶.

⁶ Foram 72 casos de intensificação na fala masculina (60 de estratégias sintáticas, 11 de prefixação e apenas 1 de sufixação). Nas mulheres, dos 90 dados, 4 foram de intensificação fonológica, 30 de sufixação, 23 de prefixação e 33 por expedientes sintáticos).

(14)



Abordagens sociolingüísticas tendem a explicar os resultados da variável ‘sexo’, tendo por base, fundamentalmente, a noção de ‘prestígio social’: mulheres se orientam para formas lingüísticas mais prestigiadas na comunidade, sendo mais sensíveis às relações de valor que porventura possam aparecer impressas na fala (Wolfran & Fasold, 1974; Oliveira e Lopes, 1995; e Paiva, Oliveira e Silva & Roncarati, 1992). No entanto, essa explicação não parece adequada às estratégias de intensificação, que, ao que tudo indica, não se distribuem em função do *status* social das formas lingüísticas.

Os resultados de (14) parecem apontar mais para uma relação de estereótipos que de valores sociais. Ao que tudo indica, homens associam estratégias de intensificação que requerem forte atuação da Prosódia a outros fenômenos entonacionais, como a Qualidade da Voz (Cagliari, 1992), por exemplo, entendida como marca prosódica característica de um falante particular ou de um grupo de falantes. Por essa razão, formas como ‘chiquérrima’, ‘ellegantíssima’ e ‘gatésima’ seriam evitadas

pelos homens porque tendem a ser vinculadas ao falar “gay”, caracterizado, nos dizeres de Thorne & Henley (1975: 115), por uma *aproximação exagerada com o feminino, quer pela escolha lexical, quer (e principalmente) pela entonação*.

Se essa associação é verdadeira, qual seria a causa da aproximação entre o “falar gay” e o “estilo feminino” (Aebischer & Forel, 1991), no caso das construções com sufixos intensivos? O que faz os superlativos serem tão marcados prosodicamente, a ponto de se associarem a um estilo vocal específico?

A sufixação superlativa pode ser considerada inerentemente marcada do ponto-de-vista fonológico⁷. Além de tônicos, os sufixos -íssimo, -ésimo e -érrimo têm em comum o fato de formarem proparoxítonos, o que, por si só, já torna marcadas as formas assim afixadas. Em -ésimo e -érrimo, destaca-se, ainda, o abaixamento dactílico (Wetzels, 1992) — uma restrição de condicionamento prosódico que, em português, tende a proibir vogais médias altas em sílabas tônicas de proparoxítonos. Nos dois casos, portanto, a vogal do sufixo é aberta, uma média de primeiro grau.

Se, por um lado, não há dúvidas (a) de que proparoxítonas são mais marcadas que paroxítonas (Bisol, 2000: 133) e (b) de que vogais abertas são mais marcadas

⁷ O termo ‘marcação’ deve ser visto, aqui, como equivalente a saliência, proeminência ou destaque. Estamos considerando marcada uma propriedade (articulatória ou acústica) que se destaca mais do ponto-de-vista perceptivo e que é, portanto, *mais audível, mais característica, por chamar mais atenção e sobressair mais em relação a outra(s)* (Cutler & Ladd, 1983). O foneticamente marcado, para Green (1992), *atua no limiar da percepção porque é diferente, peculiar e mais suscetível de monitoramento*.

que fechadas, por outro, não pode ser essa saliência a causa da associação dos superlativos sintéticos aqui examinados com o estilo feminino. Deve-se procurar tal vinculação, na verdade, nos correlatos acústicos que fazem com que os derivados sufixais fiquem ainda mais marcados prosodicamente.

Nas construções com sufixo de grau, as qualidades prosódicas inerentes (acento e abertura vocálica) são fortemente realçadas por um traço entonacional constante e particularmente característico: o acento enfático. Em vocábulos mais curtos, a primeira sílaba tende a receber intensidade e duração extras, levando a freqüência fundamental a cair drasticamente na tônica (cf. **LIIN**désimo, **CHII**quérismo). Nos mais longos, a primeira sílaba, apesar de intensa, é pouco reforçada em termos de duração. A tônica, por sua vez, destaca-se como duas (ou até três) vezes mais longa que as átonas, acentuando, ainda mais, a abertura vocálica, no caso dos sufixos que se iniciam por vogal média (cf. elegante**TÉEEE**sima; chiquere**RÉEEE**rrima), o que faz com que -ésimo e -érrimo⁸ sejam mais marcados que -íssimo.

É difícil imaginar formas como 'cabeludíssimo', 'nojentésimo' e 'garotérrimo' produzidas sem qualquer reforço entonacional, isto é, sem a prosódia que lhes é peculiar (o acento enfático). O baixo índice de sufixos superlativos na fala masculina pode ser explicado pelo padrão acentual requerido por eles: alongamentos

⁸ No Rio de Janeiro, o sufixo -érrimo apresenta duas variantes com inserção de um início reduplicado em uma (-erérrimo) ou duas vezes (-ererérrimo). No caso da palavra 'chique', na qual se observa grande variação em termos de expressividade, registra-se, ainda, uma variante para -ésimo: -tésimo (chiquetésimo).

excessivos não caracterizam o que Coulthard (1991: 21) chama de “sotaque masculino”. Durações ultralongas imputadas a uma sílaba — como as que marcam construções X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo — estão associadas ao “sotaque feminino”, levando à criação de um estereótipo prosódico instituído social, geográfica ou culturalmente⁹.

Dessa forma, a fim de não adquirirem características que os aproximem do feminino, a ponto de revelarem indícios de bases femininas ou homossexuais, homens tendem a evitar o uso dos sufixos superlativos em exame, optando por formas consideradas mais neutras ou, nas palavras de Coulthard (op. cit.: 19), *menos suspeitas ou comprometedoras* — no caso, os advérbios focais (‘muito’, ‘pacas’), os prefixos superlativos (‘super’, ‘hiper’) ou as estratégias sintáticas de intensificação (comparações, repetições).

Ao que tudo indica, há nas formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo mais do que a expressão do impacto pragmático provocado por algum elemento do contexto interacional no falante. Parece que essas construções suscitam, também:

- (a) avaliação negativa por parte de um grupo de falantes;
- (b) associação com um estilo vocal específico; e

⁹ Coulthard (op. cit.: 21) cita o volume (fenômeno relativo à qualidade da voz) como um estereótipo prosódico, pois, na cultura ocidental, *fala-se em uma “voz masculina grossa” e em uma “voz feminina fina”, o que resulta mulheres com voz grave e homens com voz aguda parecerem suspeitos* (p. 19) [grifo meu].

- (c) indícios de características sociolingüísticas de seus usuários.

Estando correta essa hipótese, formas sufixadas em -íssimo, -ésimo e -érrimo apresentam não só função semântica (por veicularem a idéia de intensidade) e função discursiva (por expressarem estados de espírito do emissor), mas também o que chamamos de função indexical, levando a uma espécie de “radiografia” do perfil sócio-comportamental do usuário. Dessa maneira, o falante não só revela seu parecer sobre o que diz (função discursiva), como também é revelado pelas formas que produz (função indexical), deixando transparecer, através de processos morfológicos, traços de sua identificação sócio-cultural.

3. A função indexical dos sufixos intensivos

Como destacamos na seção anterior, os resultados do Gráfico possibilitam inferir que a intensificação sufixal — como a que se materializa exclusivamente pela Fonologia — parece veicular informações relevantes acerca de estilos vocais específicos, funcionando, assim, como uma espécie de “sistema de sinalização” (Thorne & Henley, op. cit.), socialmente estabelecido para definir papéis lingüístico-sexuais. Dessa maneira, conscientes de que as formas X-íssimo, X-érrimo e X-ésimo podem estar revestidas de estereótipos e não lhes “cair bem”, os homens tendem a não intensificar através desses sufixos, optando por formas menos marcadas (ou menos comprometedoras), como as estratégias sintáticas e a intensificação prefixal.

O comentário abaixo, extraído de uma conversa informal entre três homens numa mesa de bar próxima à que estávamos no dia 07/07/2001, fornece uma primeira evidência de que sufixos intensivos são indexados ao que se pode chamar de “falar gay caricaturado”, nos termos de Moraes (1999). Descontraidamente, os rapazes descreviam o comportamento de um homossexual estereotipado e, num momento da conversa, um deles fez uso do Registro — mudança momentânea na qualidade de voz habitualmente empregada pelo falante para efeitos de ironia, cor local ou reforço —, exclamando:

- (14) O cara, né, gozadão... Nem um pouco discreto...
O cara vive soltando a franga. Lá na Faculdade, ele vai todo afetado dizendo pras meninas: (mudança de voz, com trejeitos): “aí eu cheguei ar-ra-san-do, de salto, elegantíssima, ma-ra-vi-lho-sa, chiquíssima” (risos).

Como se vê, na tentativa de reproduzir a “fala gay” do conhecido, o rapaz recorreu à intensificação com os sufixos -ésimo e -érrimo, o que parece ratificar que essas formas estão associadas a um tipo específico de falante, apresentado, portanto, função indexical¹⁰. A mudança na qualidade de voz evidencia que essas formas requerem entonação particular, não muito comum no que se pode chamar de “prosódia masculina” (Aebischer & Forel, 1991).

Destaca-se, em (15), o uso da escanção silábica — outra estratégia fonológica de intensificação — para focalizar itens já enfáticos por natureza (‘arrasar’ e

¹⁰ As formas X-íssimo tendem a ser mais neutras e muitas delas – sobretudo as que apresentam um substantivo como *input* – têm uso mais freqüente no falar masculino, como, por exemplo, ‘cervejíssima’ e ‘quadríssima’ (da praia).

'maravilhosa'). Esse flagrante de juízo de valor sobre formas lingüísticas confirma a associação de -ésimos e -érrimos ao falar gay caricaturado.

Uma segunda evidência do caráter indicial de -íssimo, -ésimo e -érrimo provém de um teste de avaliação/percepção realizado com cinco indivíduos do sexo masculino¹¹. Solicitamos a eles que se expressassem livremente quanto a 10 (dez) enunciados prototípicos em que o acento de intensificação se manifesta nos superlativos derivados sufixalmente¹². As sentenças — gravadas em K-7 por um homem e por uma mulher — foram apresentadas uma a uma aos informantes: primeiramente na voz feminina e, logo a seguir, na voz masculina sem traços efeminados. Além de juízos sobre correção gramatical e questionamentos sobre eventuais “erros de português”¹³, pudemos colher depoimentos bastante interessantes sobre as formações em análise. Destacam-se os seguintes:

¹¹ Todos residentes na cidade do Rio de Janeiro, universitários, com idade variando entre dezoito e quarenta e cinco anos.

¹² As palavras com sufixo intensivo foram inseridas num período, a fim de evitar foco direto sobre elas. Todos os períodos apresentaram algum tipo de complexidade sintática (clivagem ou topicalização) para que o informante não dirigisse sua atenção diretamente para as construções sufixadas, como, por exemplo, em “O João, eu encontrei ontem na festa daquela sua prima gozadérrima, a Cláudia”.

¹³ Por exemplo, alguns informantes afirmaram que (1) *as sentenças estão gramaticalmente corretas* ou que (2) *elas não têm nenhum erro de pronúncia* ou ainda que (3) *eu acho que tá faltando concordância*. Outros me questionaram: *tem certeza de que há algo errado com elas?*

- (16) Mulher tem mania mesmo de colocar tudo no aumentativo (sic!). Mulher exagera até na linguagem (Dan, 20a, Zona Sul).
- (17) Ih! Caramba! Parece coisa de boiola (risos) ... Esse cara aí... heim? (risos) Não sei não, não sei não (Rub, 33a, Zona Norte).
- (18) Sinceramente, eu não acho legal um homem falar assim não. Fica muito esquisito. Sabe de uma coisa: fica é ridículo mesmo. Esquisitão falar assim meio alongando, mole. Não pega muito bem não (Nel, 45a, Centro)
- (19) Eu não falo assim não. É exagerado demais... Será que é tudo tão -érrimo (mudança na qualidade de voz, com alongamento excessivo da tônica) assim? (risos) Acho mais legal o 'irado' (Sil, 23a, Zona Sul).

Pelos comentários, percebe-se que a sufixação intensiva foi avaliada negativamente pelos informantes que participaram do teste. Em linhas gerais, essas construções foram taxadas como típicas do discurso feminino (16) e, por isso, estigmatizadas quando emitidas por um homem (17). A reação negativa foi despertada não só pelo uso dos afixos de grau, como também pela entonação (18). Por fim, ressaltou-se consciência na escolha do tipo de ênfase a utilizar (19).

Todos esses depoimentos explicam a enorme diferença no uso das estratégias de intensificação por homens e mulheres (Gráfico 14), confirmando o valor indexical das formas X-íssimo, X-érrimo e X-ésimo no

português falado do Rio de Janeiro. Soma-se aos comentários outra evidência de que tais construções vinculam-se ao falar gay: o uso generalizado dos sufixos intensivos em revistas dedicadas ao público homossexual¹⁴. A título de exemplificação, considerem-se os seguintes trechos:

(20) A grande dama da noite foi Meimê dos Brilhos, que segurou o público, sempre **talentosésima** (...). **Belíssima**, Dos Brilhos levantou a galera, **carentérrima** de um show à altura (*Em Tempo*, p.4).

(21) Se você anda **nervosíssima** e já não agüenta mais essa de ficar grudada em aparelhos de ginástica, faça diferente, aproveite esse verão **quentésimo** para caminhar, andar de bicicleta, enfim, vamos inovar (*Babado & Cia*, p. 8).

Como se vê, na tentativa de buscar intimidade com seu público-alvo, os articulistas recorrem a usos bastante naturais dos sufixos intensivos. Pode-se dizer, portanto, que as estratégias de intensificação constituem formas alternantes que expressam o mesmo conteúdo, mas diferem quanto ao significado estilístico-contextual, haja vista que sufixos superlativos, talvez em função da Prosódia requerida, reinterpretem-se como marcas do falar efeminado, sendo revestidos de informações sócio-comportamentais.

¹⁴ Foram consultadas, no mês de março de 2001, as seguintes revistas: *G Magazine*, *Babado & Cia* e *O Tempo*. Agradeço à professora Margarida Basílio pela sugestão de procurar, nesse tipo de material, evidências do caráter indexical das formações examinadas.

4. Palavras finais

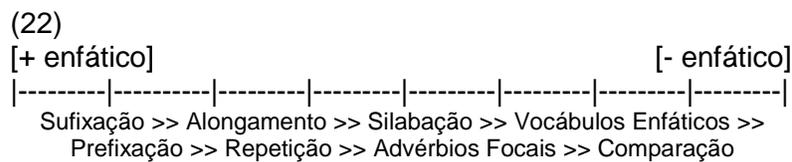
Finalizando, gostaríamos de levantar questões não só sobre o uso dos sufixos intensivos, como também em relação ao que chamamos de função indexical dos processos morfológicos. No primeiro caso, seria a Morfologia a verdadeira sinalizadora do falante ou, na verdade, tal papel caberia à Prosódia? Em outras palavras, a associação de formas em -ésimo, -érrimo e -íssimo ao estilo efeminado se deve aos próprios afixos ou ao acento enfático? No segundo caso, se a reivindicada função indexical for da responsabilidade dos próprios sufixos superlativos, ela seria exclusiva desse processo de formação ou outros igualmente se prestariam à identificação do falante?

A relação Prosódia-Morfologia nos superlativos derivados

Pelo que se expôs, pode-se concluir que a função identificadora de construções superlativas sintéticas não se localiza apenas nos sufixos de grau, mas também na prosódia que elas requerem. Como mostra Moraes (1999), o estilo efeminado — que corresponde à *representação idealizada e exacerbada de um sub-estilo feminino, chamado de “afetado ou esnobe”*¹⁵ — caracteriza-se tanto pela seleção lexical quanto pela Entonação. Escolher os sufixos -íssimo, -ésimo e -érrimo, num conjunto relativamente grande de

¹⁵ Segundo Moraes (op. cit.: 8), o “falar gay” não se confunde com o feminino, mas com um sub-falar feminino, denominado de esnobe (estilo “dondoca” ou “perua”). Esses dois fonoestilos são extremamente caricaturados e marcadamente enfáticos. No plano acústico, manifestam-se sobretudo pelo “exagerado” reforço na duração de certas sílabas, bem como pelo comportamento assistemático da freqüência na sílaba que precede a tônica final de Grupo Prosódico.

possibilidades para expressar intensificação em português, significa optar pelo recurso mais enfático que a língua oferece, de acordo com o *continuum* de intensificação proposto por Gonçalves (1997), reproduzido logo a seguir.



Partimos do pressuposto de que a intensificação é uma categoria escalar (Gonçalves, 1997). Dessa maneira, as estratégias de intensificação se distribuem em termos de gradação: umas expressam mais intensidade que outras. Construções superlativas sintéticas se localizariam mais à esquerda do *continuum*, por serem consideradas as mais enfáticas na expressão da intensidade: requerem (a) adjunção de um sufixo e (b) atuação do acento enfático (com participação ativa dos três correlatos físicos). À medida que nos aproximamos da extrema direita do *continuum*, temos uma atuação mais “moderada” da ênfase, que ora se manifesta apenas através do acento enfático (Alongamento e Silabação), ora é veiculada por recursos não necessariamente fonológicos, com participação cada vez mais discreta do acento enfático.

Por sua localização mais à esquerda do *continuum*, sufixos superlativos caracterizam elocuições consideradas extremamente enfáticas. Nos fonoestilos “gay” e “dondoca”, os mais caricaturados (Moraes, 1999), -íssimos, -ésimos e -érrimos são de uso bastante generalizado. Por sua

(hiper)expressividade, acreditamos que eles acabaram se vinculando a esses grupos de falantes, merecendo uma abordagem não só no campo da Morfopramática, mas de uma possível “sócio-morfopragmática”.

Outros processos com função indexical

Segundo Dressler (1986), são basicamente duas as funções envolvidas nos processos de formação de palavras: (a) a mudança categorial ('esqueleto'/ 'esquelético') e (b) a rotulação ('rã'/ 'ranário'). A essas duas, acrescenta-se a função expressiva de avaliação (Basílio, 1987), atuante em processos com modalização apreciativa ('cheio'/ 'cheinho').

Os resultados ora apresentados apontam para a existência de mais uma função, a indexical, típica de processos a partir dos quais é possível desenhar o perfil do falante. Se essa função é realmente ativa na Morfologia Derivacional, ela não pode se restringir à sufixação intensiva: outros processos igualmente devem levar à identificação sócio-comportamental do falante. Não seria esse o caso de formas X-aço, como 'golaço', 'cansadaço' e 'afinzaço', mais associadas à fala masculina? Também não seria essa a situação do Truncamento (redução vocabular, braquisssemia), como em 'cerva' (por 'cerveja'), 'Maraca' (por 'Maracanã') e 'batera' (por 'baterista'), mais vinculado às faixas etárias jovens? Não seriam as formas X-inho de uso bem mais freqüente no estilo feminino, sendo igualmente associadas ao estilo efeminado?

Em recente estudo sobre o Truncamento em português, Alves (2002) concluiu que esse processo é de uso generalizado entre adolescentes. Através de testes de

atitude, o autor observou que falantes mais velhos consideram extremamente opacas formas como 'sapa' (por 'sapatão'), 'manta' (por 'manteiga') e 'crock' (por 'crocante'), não conseguindo, portanto, identificar o derivante. Ao rastrear dados a partir de fontes orais, Alves (op. cit.) chegou a resultados bastante interessantes: 74% das formas truncadas foram rastreadas a partir de informantes mais jovens, o que comprova haver função indexical nesse tipo de operação morfológica.

Sem dúvida alguma, todos os processos acima mencionados têm melhor acolhida no âmbito da Morfopragmática. Sem função semântica particularizada nem mudança categorial, tais processos se prestam muito mais à expressão de pontos-de-vista do emissor e, por isso, fatores contextuais têm conseqüência direta na emergência das formas derivadas. No que diz respeito à identificação do falante, no entanto, fica aqui o questionamento e a sugestão para pesquisas futuras. Por ora, sugerimos que o perfil do falante também seja considerado no âmbito das condições de produção (Kastovsky, 1986).

De acordo com Basílio (1990: 6), diferentes fatores devem ser computados na esfera da produção: (a) as condições lexicais paradigmáticas; (b) os parâmetros de naturalidade; (c) o tipo de discurso e (d) as condições pragmáticas que criam referentes a rotular.

A produção efetiva de formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo depende menos da especificação lexical do *input* que dos propósitos comunicativos do enunciador. Por seu alto grau de generalidade, os sufixos superlativos tendem a extrapolar os limites de categoria sintática nas bases, aplicando-se também a substantivos ('cantoríssima'), a

verbos ('dormindérrimo') e, até mesmo, a pronomes ('euzésima').

São evidentes os efeitos expressivos que surgem a partir dessas afixações. No entanto, não somente (i) o tipo de texto (oral/escrito), (ii) o grau de formalidade da interação e (iii) o grau de intimidade entre os interactantes motivam o uso de tais formas. Os resultados deste trabalho indicam que características do falante também devem ser consideradas no conjunto das condições de produção que atuam sobre a RPF responsável pela formação de superlativos.

Unidade 2:

Estudos em Morfologia
Diacrônica

.3. **Formações X-nt: da flexão em latim à derivação em português**

o. Palavras Iniciais

Nesta primeira parte da Unidade 2, analisamos as construções latinas X-nt, observando sua evolução para o português a partir do particípio presente. São basicamente dois os objetivos deste capítulo: (a) traçar o percurso histórico de -nt, que culminou em sua saída do módulo flexional; e (b) mostrar que essa mudança reforça a proposta de um *continuum* Flexão-Derivação, nos moldes de Bybee (1985). Como referencial para a análise, utilizamos o trabalho de Joseph (1998), que descreve as possíveis mudanças/reestruturações no componente morfológico.

O trabalho de Joseph (1998) reacende o interesse por abordagens morfológicas de base histórica, que podem (1) validar ou invalidar proposições de natureza teórica, (2) entender melhor o próprio componente morfológico e (3) justificar usos irregulares. No presente capítulo, reforçamos a idéia de *continuum* Flexão-Derivação (Bybee, 1985), ao

mesmo tempo em que procuramos justificar as restrições de aplicabilidade do atual sufixo -nte.

1. O particípio presente latino

Além do infinitivo, do gerúndio e do particípio passado, também o particípio presente (doravante Ppres) integrava o rol das formas nominais do verbo latino. Do ponto-de-vista morfológico, o Ppres manifestava-se como nome, flexionando-se em gênero, número e caso (01). Como verbo, expressava o tempo presente, o aspecto cursivo e a voz ativa, além de admitir complementação (02).

(01)

Caso	Singular	Plural	Função
Nominativo	amans	amantes	subj. ou pred.
Acusativo	amantem	amantes	obj. dir.
Ablativo	amante	amantibus	adj. adv.
Dativo	amanti	amantibus	obj. ind.
Genitivo	amantis	amantium	adj. adn.
Vocativo	amans	amantes	interpelação

(02) “Lex est recta ratio *imperans* honesta, *prohibens* contraria”.

[a lei é a reta razão [que ordena o (que é) bom]
e [(que) proíbe o (que é) mau]

Em termos de categorização lexical, o Ppres apresentava-se como adjetivo, estabelecendo, indiretamente, uma relação de concomitância temporal com o verbo da oração principal (Fava, 1998). Em construções como (03), o Ppres atribui um estado ao sujeito, além de

estabelecer o modo como esse sujeito realiza a ação, revelando, nesse uso como predicativo do sujeito, comportamento de adjetivo na fronteira com advérbio.

(03) “Ad nos veniunt **flentes**”.
[a nós chegam “chorantes”]

As possíveis traduções de (03) para o português não revelam o verdadeiro valor da forma ‘flentes’, pois ora não preservam a noção de processo verbal em estado cursivo, ora não dão conta do sentido adjetival básico do Ppres. A opção com o particípio passado, ‘a nós chegam chorosos’, é incompleta por não veicular a noção de aspecto cursivo, o que se consegue com o gerúndio (‘a nós chegam chorando’), que, por outro lado, não abarca o uso adjetivo dessa forma, uma vez que não concorda com ela em gênero e número.

2. O *status* flexional do Ppres em latim

Com base em Anderson (1982), podemos dizer que o Ppres era uma categoria gramatical em latim, funcionando, pois, como uma das flexões dos tempos do *infectum* (não-realizado). Vários são os critérios empíricos usados para distinguir Flexão de Derivação e eles, relacionados ou não, nem sempre levam ao mesmo diagnóstico acerca do *status* flexional/derivacional de um processo morfológico (Gonçalves, 2001). Assumindo, no entanto, que as principais diferenças são a relevância sintática e a produtividade (Stump, 1998), dois argumentos podem ser trazidos à tona para confirmar o *status* flexional do Ppres em latim: (a) a manipulação pela Sintaxe (b) a

não-existência de células vazias no paradigma que relaciona o verbo com o adjetivo verbal correspondente.

Se um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, podemos dizer que o uso da marca morfológica de particípio presente (o sufixo -nt e sua variante -ns) é manipulado pela Sintaxe (Anderson, 1982). Nas gramáticas latinas (Aguiar & Ribeiro, 1925; Freire, 1992; e Cardoso, 1990), é freqüente a informação do ambiente sintático que leva à expressão do Ppres, o que revela uso compulsório da marca -nt em sentenças como (02) e (03) acima. Segundo Brandão (1933: 16), a presença do sufixo -nt *era obrigatória* [grifo meu] *para predicar um estado do sujeito em sentenças com verbo principal de ação, como se vê* (04) a seguir:

(04) “Qui pro innocente dicit, satis est **eloquens**”.
[Quem diz em favor de um inocente é bastante eloqüente]

Em *legens ambulans*, por exemplo, o Ppres promove uma fusão oracional: simultaneamente, tem-se a ação de caminhar e o estado em que um mesmo sujeito se encontra (em processo de leitura). Em outras palavras, a Sintaxe força a seleção da marca morfológica de Ppres, o que indica ser esse sufixo obrigatório: tem uso compulsório, previsível a partir de uma construção sintática (Anderson, 1982). Como marca flexional, -nt não pode ser substituído por alguma classe especial de formas simples, sem produzir mudança de significado na construção¹. Afixos derivacionais, são, de certo modo, opcionais, uma vez que

¹ *Legens ambulans* e *legendo ambulans* não eram sentenças sinônimas em latim, uma vez que a segunda não guardava o sentido adjetival da primeira.

podem ser substituídos sem que se modifique a construção sintática e/ou o significado. Como isso não acontecia com o Ppres, tem-se, aí, forte evidência de seu comportamento flexional no latim clássico.

É novamente Brandão (1933: 17) quem nos informa sobre a impossibilidade de substituição do adjetivo verbal numa sentença como (05) a seguir, uma vez que, *ao lado de sua função principal de qualificar um substantivo, o participio presente assegurava a integração sintática de sujeitos ou objetos co-referenciais, atribuindo, adicionalmente, também a idéia de modo*².

Freire (1992: 35), por outro lado, enfatiza a alta regularidade na produção das chamadas formas nominais, afirmando que *eram poucos os verbos que não apresentavam participio presente correspondente, destacando-se os de sentido geral, como ir, vir, acabar e continuar*. Pelo comentário de Freire (op. cit.), é possível destacar (i) a alta produtividade do sufixo -nt na formação de adjetivos verbais e (ii) a existência de um pequeno contingente de casos excepcionais ou anômalos.

(05) “Uidi eum **flentem**”.
[vi-o chorando; vi-o chorar]

Pelo depoimento dos gramáticos, podemos concluir que o Ppres era realmente flexional em latim, pelo menos

² Perceba-se, na tradução de (05), que o gerúndio torna a sentença ambígua, uma vez que ‘chorando’ pode estar relacionado ao sujeito ou ao objeto. O caráter adjetival do Ppres não favorecia essa dupla interpretação, até mesmo porque havia concordância de caso.

na variedade culta³. Entendida como propriedade inerente da palavra morfossintática (Anderson, 1982), essa informação gramatical era acessível à Sintaxe (ou manipulada por ela) e, de aplicação bastante geral aos verbos latinos, apresentava poucas células vazias, sendo de uso regular e sistemático para toda essa classe de palavras. Esses requisitos autorizam atribuir *status* flexional para o sufixo -nt latino.

3. -nt como afixo derivacional em português

No português contemporâneo, -nt ainda é reconhecido como unidade morfológica, sendo depreendido em palavras como ‘militante’, ‘escrevente’ e ‘estudante’, entre inúmeras outras. No entanto, construções X-nte não podem mais ser interpretadas como formas nominais do verbo, o que revela mudança na evolução do latim para o português. Hoje, -nte deriva substantivos e/ou adjetivos a partir de verbos, em distribuição complementar com -dor na formação de nomes agentivos (Miranda, 1979).

Sem uso compulsório e com grandes restrições de aplicabilidade, -nte apresenta-se como sufixo derivacional no estágio atual da língua. O fato de tal afixo percorrer um caminho que o levou a adquirir diferente *status* morfológico sugere a não-rigidez dos limites entre Flexão e Derivação, reforçando a idéia de um *continuum* entre esses dois processos (Bybee, 1985).

³ Freire (1992) acredita que o Ppres tenha perdido espaço para o gerúndio já no próprio latim vulgar.

lexical, é quase nula a possibilidade de diagnosticá-lo como afixo flexional (Gonçalves, 2001)⁵.

(07)	cativar	cativante
	desgastar	desgastante
	entediado	entediante
	amassar	????
	arrastar	????
	perder	????
	????	freqüente
	????	intransigente
	????	conivente

A mudança de *status* do afixo -nte pode ser explicada pela perda da função verbal do Ppres. Segundo Ferrari (1995), o Ppres teve suas funções assimiladas pelo gerúndio a partir da noção de concomitância temporal. Com o gerúndio, expressava-se o modo como se desenvolvia a ação, enquanto, com o Ppres, representava-se o estado de um ser no momento em que se desenvolvia a ação. Para Ferrari (op. cit.), foi a afinidade entre o modo da ação e o estado do ser que levou o gerúndio a englobar de vez o Ppres⁶.

⁵ Some-se a isso o fato de -nte provocar alteração categorial. Segundo Stump (1998), a mudança de classe é forte indício de que a entidade morfológica é derivacional, muito embora Bybee (1985) mostre que essa máxima nem sempre é verdadeira. Afixos que mudam classe podem atingir produtividade próxima à das flexões mais prototípicas, o que a leva a relativizar o *slogan* “morfologia que muda classe é sempre derivacional”.

⁶ Em estudo longitudinal sobre as formas -nte, Fava (1998) mostra que, já no galego-português, o participio presente havia sido suplantado pelo gerúndio.

Com a perda da função verbal, muitas formas X-nte se fixaram na língua independentemente dos verbos de origem, o que favoreceu migração de algumas para classes mais gramaticais, como se vê nos exemplos de (08):

- (08) consoante
(não) obstante
bastante
doravante
mediante

Todas as formas de (08) foram recategorizadas em advérbios ou conjunções. Em todos esses casos, não é mais possível depreender o sufixo -nt. Dito de outra maneira, não há condições mínimas para a isolabilidade das bases, uma vez que o elemento à direita não leva a nenhum significado.

Nos casos em que é possível isolar o afixo -nte, Basílio (1981) contesta a aludida distribuição complementar com -dor na formação de agentivos deverbais. Vejam-se os pares abaixo:

- | | | |
|------|------------|----------------|
| (09) | operante | operador |
| | negligente | negligenciador |
| | estafante | estafador |

Para Basílio (op. cit.), não são necessariamente agentivos os adjetivos formados pelo acréscimo de -nte a uma base verbal, uma vez que eles podem não atribuir agentividade ao elemento a que se ligam. Em (10), os adjetivos em -nte têm a função de especificar propriedades ou qualificar (e não a de expressar agentividade).

- (10) cena comovente
 cidade neurotizante
 candidato conveniente
 suspiro ofegante.

Dessa forma, podemos concluir que o sufixo -nte continua produtivo, conferindo aos itens a que se anexa traços de seu funcionamento em latim. Por exemplo, a função predicativa ainda é codificada pelas formas X-nte, como se vê no contraste entre as sentenças de (11). Também o aspecto durativo fica bastante saliente quando se comparam formações X-dor e X-nte a partir de uma mesma base, como se vê em (12). O que mudou foi apenas seu lugar no componente morfológico: da Flexão para a Derivação.

- (11) chegou envolvendo.
 chegou envolvente.
- (12) repetente repetidor
 insinuante insinuador
 hesitante hesitador
 atendente atendedor

4. Palavras finais

Esta breve descrição das formas X-nt reforça a idéia de que não há um limite intransponível entre Flexão e Derivação, confirmando, no plano diacrônico, a idéia de *continuum* entre as duas Morfologias. A transição de -nt para a Morfologia Derivacional condiz com a premissa de Bybee (1985) sobre os chamados “determinantes da expressão

flexional”: a perda da função verbal do Ppres levou à baixa generalidade da afixação em -nt, implicando, em contrapartida, num grau maior de relevância do afixo para o conteúdo da base verbal. O aumento na relevância e a baixa na generalidade determinaram o distanciamento do afixo do extremo flexional, no *continuum* Flexão-Derivação.

.4.

Caminhos da mudança morfológica em português

Co-autores: Marco Antônio Marinho; Amle
Amorim; Gean Damulakis; George Madeiro;
Tatiana Nogueira

o. Palavras Iniciais

São basicamente três os objetivos deste último capítulo: (1) avaliar a proposta de *continuum* Composição-Derivação à luz de evidências diacrônicas; (2) mostrar que nem todas as mudanças morfológicas são necessariamente frutos de fossilização da Sintaxe; e (3) discutir como o componente morfológico se reestrutura em casos de mudança e/ou de empréstimos. Para tanto, analisamos longitudinalmente duas construções: (a) agentivos X-ólogo e X-ógrafo ('brasílogo', 'demógrafo') e (b) agentivos e locativos em -ário e -eiro ('chaveiro', 'hidroviário').

O capítulo se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, resumimos as principais conclusões do capítulo anterior, no qual analisamos as construções X-nt, do latim ao português. Na seção 2, focalizamos as formações X-ólogo e X-ógrafo, chamando atenção para o fato de elas

serem construções derivadas no português atual. Nesse sentido, discutimos o percurso histórico que levou -ólogo e -ógrafo a assumir valor de sufixo, deixando, pois, de funcionar como palavra, na formação dos chamados compostos eruditos (Cunha, 1975). Em 3, descrevemos a distribuição entre -eiro e -ário no português contemporâneo, tentando entender os motivos que levaram à especialização semântica desses dois sufixos, oriundos de um só formativo latino: -ariu(m).

Voltando no tempo, a investigação dos sufixos -eiro e -ário se inicia pelo comportamento de -ariu(m) no latim e no português arcaico. Ressaltando que -eiro, nos séculos XII e XIII, cumpria todas as funções exercidas pelo sufixo latino -ariu(m), concluímos que esse sufixo vem a ser continuação histórica de -ariu(m). A resposta à pergunta de como -ário teria reaparecido na língua constitui objetivo central da seção 4. Os motivos para o reingresso das formas X-ário, o processo pelo qual passaram e o comportamento que tiveram do período da Renascença — época do retorno — aos nossos dias são os principais enfoques desta parte.

Por fim, na seção 5, aparecem algumas reflexões sobre os caminhos da mudança morfológica. Em linhas gerais, as evidências diacrônicas sustentam a proposta de Bybee (1985), no que diz respeito (a) às noções de escalaridade e prototipicidade e (b) à idéia de *continuum* entre processos morfológicos.

1. As formas X-nt: discutindo sua evolução histórica

A análise das formas X-nte, proposta no capítulo 3, reforça a idéia de que não há um limite intransponível entre Flexão e Derivação, confirmando, no plano diacrônico, a proposta de *continuum* entre essas duas morfologias. A transição de -nte para a Morfologia Derivacional condiz com a premissa de Bybee (1985) sobre os chamados “determinantes da expressão flexional”: a perda da função verbal do Ppres levou à baixa generalidade da afixação em -nte, implicando, em contrapartida, num grau maior de relevância do afixo para o conteúdo da base verbal. Aumento na relevância e baixa na generalidade determinaram distanciamento do afixo do extremo flexional, no *continuum* Flexão-Derivação.

No capítulo 3, fizemos um recorte do *continuum* idealizado por Bybee (op. cit.), excluindo a expressão lexical, que se localiza antes da expressão derivacional. A expressão lexical é caracterizada pela alta relevância entre conteúdos semânticos combinados e, conseqüentemente, por um alto grau de fusão, como em ‘sambar’, produto da junção dos significados ‘dançar’ e ‘samba’. O mesmo acontece com ‘ladrao’, resultante da fusão de ‘roubar’ com ‘agente’. A imagem em espelho da alta relevância é a baixa generalidade, em decorrência da relativa imprevisibilidade da combinação de conteúdos. Na figura a seguir, apresentamos os três tipos de expressão, indicando, logo abaixo, a Relevância e a Generalidade de cada um:

(01)

Expressão Lexical [+ relevante] [- geral]	Expressão Derivacional [+/- relevante] [+/- geral]	Expressão Flexional [- relevante] [+ geral]
--	---	--

Conforme argumenta Bybee (1985), casos como o das formas X-nte, que saíram da Flexão para a Derivação, evidenciam que abordagens separatistas (Hipótese Lexicalista Fraca) — segundo a qual a Derivação figura no Léxico e a Flexão na Sintaxe — não se mostram inteiramente adequadas à análise da mudança morfológica. A alta fluidez entre esses domínios nos leva a crer que eles estão integrados num mesmo módulo — o Léxico — e somente uma abordagem associacionista (Hipótese Lexicalista Forte) possibilita captar melhor os possíveis caminhos da mudança morfológica.

2. Formações X-ólogo e X-ógrafo: da composição para a derivação

Composição e Derivação são processos de formação de palavras considerados, na maioria das vezes, como *extremamente distintos, tanto na forma como na função* (Cunha, 1975: 157). Apesar dessa inegável dessemelhança, os limites entre eles não são intransponíveis: processos de gramaticalização evidenciam ser possível transitar da Composição para a Derivação, não sendo raros exemplos históricos desse percurso nas línguas naturais (Vôtre et alii, 1998).

Um caso já clássico desse tipo de mudança na língua portuguesa é o de *-mente*, hoje sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos ('ricamente', 'belamente'). Em latim, estruturas [X + *mente*] tinham *status* de Composição, visto que o elemento à direita figurava como forma livre na língua e era depreendido como tal nas novas formações. A grande produtividade fez com que *-mente* passasse a funcionar como sufixo. A esse propósito, comenta Alves (1987; 35):

*Em latim, a partícula **mente**, substantivo, fazia parte de formações compostas: bona mente, fera mente. A partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em 'rapidamente', 'recentemente', perdeu a significação e o valor substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios.*

Se considerarmos a existência de um *continuum* entre as operações morfológicas, tal como sugere Bybee (1985), levando a cabo a noção de prototipicidade, podemos entender melhor não só os casos de mudança que se processaram ao longo do tempo, como também o comportamento de alguns processos de difícil categorização em português, como o Cruzamento Vocabular ('gayroto', 'apartamento') e a Formação Analógica ('boadrasta', 'boacumba'), ambos estudados por Gonçalves (2002). Também recebem mais acolhida nesse tipo de abordagem morfológica os chamados afixóides — constituintes que, por se assemelharem a afixos, partilham inúmeras propriedades com eles, ao mesmo tempo em que ostentam grandes

diferenças, aproximando-se da Composição (Sandmann, 1989; e Duarte, 1999).

Nesta seção, pretendemos reforçar a idéia de *continuum* Composição-Derivação, analisando construções agentivas terminadas em -logo e -grafo (cf. 'arqueólogo', 'coreógrafo'), desde sua entrada na língua portuguesa até os dias atuais. Para tanto, utilizamos, como fontes de informações, compêndios de gramática histórica (p. ex., Coutinho, 1982) e dicionários etimológicos (Nascentes, 1990)¹.

Os constituintes -logo e -grafo ingressaram no português por via erudita, no século XVI, na tentativa renascentista de retomada da tradição greco-latina. Dessa maneira, muitas palavras, como 'ortografia', 'diálogo' e 'epílogo', formadas no próprio grego, foram diretamente importadas para o português. Como empréstimos, essas construções não eram, em princípio, sujeitas à decomposição morfológica (Vilalva, 2000), isto é, a uma análise estrutural (Basílio, 1980).

No século XIX, -logo e -grafo foram amplamente utilizados na nomenclatura técnico-científica, literária e filosófica, decorrente de avanços crescentes em todas as ciências, resultado direto das Revoluções Inglesa e Francesa. É somente nesse momento que -logo e -grafo efetivamente passam a formar palavras no português, associando-se a uma base presa (grega ou latina) para rotular novas áreas de conhecimento e, em consequência,

¹ Em Amorim & Madeiro (2001), encontra-se uma análise pormenorizada acerca dos procedimentos metodológicos adotados na datação das formas X-logo/-grafo utilizadas neste capítulo.

agentes profissionais responsáveis pelos respectivos fazeres científicos ('etnólogo'/ 'etnologia', 'glossólogo'/ 'glossologia')².

A idéia de que as formações X-logo e X-grafo são compostos eruditos é tacitamente aceita nas gramáticas tradicionais (doravante GTs). Cunha (1975: 173), por exemplo, afirma que *a nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, dos quais o primeiro servia de determinante do segundo* [grifo nosso]. Mesma opinião é compartilhada por Campos (1977: 176), para quem -logo/-grafo são radicais gregos que formam *apelativos numerosos empregados na zoologia ou botânica, geologia, mineralogia ou paleontologia (...), com eles o comércio e a indústria batizam multivariados objetos, aparelhos, produtos e invenções*.

Se -logo e -grafo não são palavras no português — só funcionando ligados a outras bases — e se tais elementos possuem agora significado mais abrangente, alto grau de generalidade e, em decorrência, enorme potencial de produtividade, não cabe, no nosso entender, analisá-los como elementos da Composição no português contemporâneo. Como, então, classificar esses formativos?

Basílio (1987: 35) afirma que *elementos do tipo cultura e lingüístico, como em agricultura e extra-lingüístico, estão em vias de se transformar em verdadeiros afixos*. Analogamente, afirma que é possível dizer que o mesmo em relação a -logo e -grafo, visto que *suas naturezas foram sincronicamente modificadas* (p. 36). A hipótese de -logo e -grafo funcionarem

² Para uma discussão sobre a direcionalidade na relação nomes de agente/disciplinas científicas em -logo/-grafo, ver Madeiro (2001).

como sufixóides deve ser descartada, pois, para isso, esses elementos deveriam ser responsáveis pela formação de um grupo limitado de vocábulos (Duarte, 1999). Ao contrário, -logo/-grafo apresentam grande potencial de produtividade, o que é característica dos sufixos, e não dos sufixóides, como os exemplificados a seguir (02). A esses casos, contrapõem-se os de (03), que envolvem anexação de -logo ou -grafo:

(02) eletrotécnico/ psicotécnico/ pirotécnico
boloterapia/ musicoterapia/psicoterapia

(03) agrólogo antropólogo glotólogo
ictiólogo osteólogo astrólogo
lexicólogo nefrólogo aracnólogo
hipólogo ufólogo genetiólogo
biólogo carcinólogo mastozoólogo

Em linhas gerais, há que se estabelecer três momentos temporais para a análise estrutural das formas X-logo e X-grafo em português:

- (a) séc. XVI;
- (b) séc. XIX; e, por fim,
- (c) sécs. XX e XXI.

No primeiro, não há, de fato, criação de novas palavras. As existentes devem ser vistas como empréstimos de construções já prontas na língua-fonte, como as apresentadas em (04):

- (04) prólogo
- análogo
- epílogo
- autógrafo
- parágrafo
- telégrafo

Perceba-se, nesses casos, que as formas são extremamente opacas, sendo difícil atribuir um significado claro e preciso para as partes constitutivas. Outro fato digno de nota é a imprevisibilidade da vogal que aparece antes de -logo e -grafo. Na grande maioria dos casos, esse segmento é uma média aberta posterior ([ó]), mas também aparecem formas em [i, a, é], o que reforça a tese de que há junção de dois radicais, conservando-se a vogal da primeira base.

No século XIX, criam-se inúmeras palavras voltadas para os campos tecnológico e científico, como, por exemplo, 'alergólogo' e 'pneumólogo'. No entanto, tais formações são uma espécie de criação deliberada, elaborada e arquitetada pelo falante: são verdadeiras "palavras manufaturadas", pois o sujeito criador reflete sobre a etimologia, buscando a expressão mais apropriada para denominar uma nova disciplina científica. Ao optar por formativos eruditos (gregos ou latinos), o falante, ciente da origem e do significado das bases, intenta dar um toque de maior intelectualidade ao nome formado. Esses fatos nos autorizam afirmar que -logo e -grafo ainda se comportavam como radicais naquela época.

À medida que as "palavras manufaturadas" foram se fixando no léxico da língua — e, muito provavelmente, em decorrência da ação da analogia (Basílio, 1997) —, outras

tantas foram surgindo, à sua imagem e semelhança. A criação de palavras em série foi responsável por uma mudança no *status* morfológico desses formativos, que passaram de bases (radicais presos) a afixos. Confirmam-se os exemplos em (05), nos quais uma palavra — e não um radical preso — serve de *input* ao processo:

(05)	epidemiólogo	numerólogo
	sanscritólogo	papirólogo
	musicógrafo	historiógrafo
	fotógrafo	teatrólogo
	sexólogo	museólogo
	leprólogo	craniólogo
	urbanólogo	etruscólogo
	egiptólogo	mamólogo

A crescente e constante associação de formas levou a um modelo (uma regra de formação de palavras), cujo resultado veio a ser um conjunto de construções em -logo e -grafo geradas a partir de outras palavras (não necessariamente de radicais presos). A possibilidade de anexação a palavras teve como conseqüência não só aumento na produtividade desses formativos, como também extensão do significado de agente, nas formas X-logo.

Em (06), aparecem listadas novas formações que denominam um ser não pelo exercício de uma profissão mais intelectualizada, mas pela apreciação do que se especifica na base. Essa apreciação difere daquela encontrada nas formas X-eiro (07). Nessas, tem-se a caracterização do ser a partir da freqüência com que se pratica o especificado na base. Nas formas X-logo, essa apreciação não é apenas marcada pelo hábito (freqüência),

mas também por um certo grau de conhecimento do que se especifica na base (cf. 'cervejeiro' vs. 'cervejólogo').

(06)	Cervejólogo	Bolólogo	
	Funkólogo	Biscoitólogo	
	Beijólogo	Chocólogo	
	Barrigólogo	Namorólogo	
	Cigarrólogo	Cafeólogo	
	Vinhólogo	Brigólogo	
(07)	Cervejeiro	Maconheiro	Marombeiro
	Funkeiro	Beijoqueiro	Futriqueiro
	Olheiro	Micreiro	Interneteiro
	Biscoiteiro	Funkeiro	Roqueiro

A existência de um modelo para a criação de agentivos em -logo e -grafo evidencia que eles realmente se comportam como sufixos no português contemporâneo, deixando de funcionar como bases, na formação de compostos. Como a Composição é um processo irregular, que (a) não forma séries de palavras e, principalmente, que (b) tem produtos imprevisíveis, descartamos qualquer tentativa de se analisarem -logo e -grafo como radicais, a não ser do ponto-de-vista histórico-etimológico.

Evidência de que esses formativos passaram por um processo de reanálise (analogia) está no fato de nenhuma das novas formações apresentar outra vogal que não seja [ó]. No nosso entender, esse segmento espelha as formas já fixadas no léxico, até o século XIX — a grande maioria com vogal média posterior aberta³ —, o que nos leva a

³ Muito embora outros segmentos pudessem aparecer nessa posição, como comentamos anteriormente.

entender que essa vogal passou, com o tempo, a fazer parte dos sufixos⁴.

Mais uma vez, atesta-se a possibilidade de um processo caminhar da Composição para a Derivação. Essa análise das formas X-logo e X-grafo reforça a idéia de que as fronteiras entre Composição e Derivação não são tão rígidas quanto se imagina. Podemos, levando em conta a noção de prototipicidade, assumir um *continuum* entre esses processos, como em (08) a seguir, amparando-nos nos princípios 'generalidade' e 'relevância', os mesmos adotados na elaboração da escala Flexão-Derivação (cf. representação 01).

(08)

Derivação	Composição
[+ geral]	[- geral]
[+ relevante]	[- relevante]

Afixóides ficam bem acolhidos em (08), pois compartilham traços tanto da Composição quanto da Derivação. O mesmo se pode afirmar em relação a outros processos de formação de palavras, como o Cruzamento Vocabular (09), no qual duas bases são literalmente fundidas, e a Analogia (10), em que uma palavra substitui sublexicalmente uma seqüência fônica (não morfológica) de uma base, sendo reinterpretada a estruturação da forma-*input*. No nosso entender, tais fenômenos são difíceis de

⁴ Em Amorim & Madeiro (2001), encontram-se discutidas várias possibilidades para a análise do *status* da vogal [ó] nas formas X-logo/X-grafo.

caracterizar exatamente porque estão distantes dos extremos prototípicos da escala proposta em (08).

(09)	cantriz chafé brasiguaio	gayroto sacolé psicogélico	portunhol batatalhau cariúcho
(10)	boadrasta tricha	boacumba trêbado	bebemorar

Concluindo, o *continuum* proposto em (08) não só se justifica pela existência de processos não nitidamente categorizáveis, como também — e principalmente — por ser um dos caminhos que podem ser trilhados pela mudança morfológica. Uma proposta que categorize discretamente os processos de formação de palavras dificilmente daria conta desses casos limítrofes e dos caminhos da gramaticalização na Morfologia.

Na próxima seção, evidenciamos que a noção de protopicabilidade também se mostra relevante na análise do significado dos sufixos. Para tanto, tomamos por base as formações X-eiro e X-ário, mostrando como a língua pode se reorganizar em casos de empréstimos e/ou extensões semânticas.

3. O comportamento de -ariu(m): do latim ao português arcaico

Caracterizados como sufixos que formam agentivos denominais em português (Gonçalves, 1997), -ário e -eiro apresentam inúmeras semelhanças, tanto no que diz

respeito ao tipo de base utilizado nos processos, quanto no que respeita ao significado (Spinassé, 2000). A grande proximidade entre esses afixos é fruto de um interessante relacionamento histórico: ambos provêm de um mesmo formativo latino, o sufixo -ariu(m). A seguir, apresentamos evidências diacrônicas de que -eiro — apesar de formalmente mais distante do étimo que -ário — vem a ser continuação direta e ininterrupta de -ariu(m). Os motivos para o reingresso de -ário e a distribuição -ário/-eiro serão discutidos mais adiante, na seção 4.

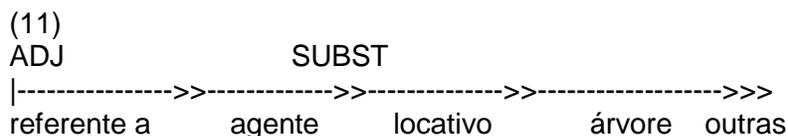
Ao longo da história do latim, o sufixo -ariu(m), afirma Maurer Júnior (1959), foi utilizado primeiramente na formação de adjetivos. Na modalidade culta (séculos II-V d.C.), já apareciam dois novos usos para esse formativo: agente profissional ('caprarius', 'linarius') e locativo ('armarium', 'fumarium'). No latim vulgar, pode-se depreender, pelo método histórico-comparativo, a existência de formas X-ariu remetendo a nomes de árvores/arbustos ('jambeiro', 'coqueiro'). Os outros significados de -eiro — agente habitual ('fofoqueiro', 'marombeiro') e excesso ('nevoeiro', 'lamaceiro') — só aparecem no século XIX, conforme demonstrado em Marinho (2000).

Seguindo Maurer Jr. (1959), é possível dizer que as três acepções acima (agente, local e árvore) derivaram do emprego modal de -ariu(m), afixado, em princípio, somente a bases adjetivas. De acordo com Marinho (2000), foi o processo de simplificação de sintagmas nominais constituídos de núcleo substantivo + adjetivo-adjunto X-ariu que gerou as primeiras acepções do sufixo.

Nas construções sintáticas $[[X]_S [X\text{-ariu}]_{Adj}]_{SN}$, o adjetivo, que modificava um nome genérico, passou a substantivo e, num jogo metonímico, assumiu a significação de todo o sintagma nominal⁵. Assim, o sufixo -ariu — que era apenas modal e, portanto, vazio de significado — passou a veicular o conteúdo semântico anteriormente expresso pelo nome genérico. Em ‘taberna livreria’ (local em que se vendem livros), por exemplo, o substantivo ‘taberna’ designava um estabelecimento comercial, necessitando, dessa forma, de um adjetivo que especificasse o tipo de atividade ali desenvolvida (‘livreria’; de livros). Com o progressivo desuso do núcleo nominal, ‘livreria’ passou a substantivo e, em conseqüência, -ariu assumiu a significação locativa de ‘taberna’.

Defendemos, aqui, a hipótese de que a significação básica das formas X-ariu foi a agentiva, sendo as demais acepções resultantes de espraiamento metafórico, como na escala (11). Com isso, acreditamos que a primeira expansão que ocorreu foi a de adjetivo para substantivo (agente), o que consistiu numa transferência sintático-semântica, já que houve mudança de classe e estabelecimento de uma nova estratégia de denominação do objeto, consolidando-se, assim, a denominação pela caracterização ou especificidade do que estava sendo nomeado.

⁵ Processo, aliás, bastante produtivo no português contemporâneo, como mostra Sandmann (1989): ‘celular’, por ‘telefone celular’, ‘doméstica’, por ‘empregada doméstica’ e ‘segurança’, por ‘o guarda de segurança’, entre outros.



Semanticamente, o que parece decisivo para a primazia dos nomes de agente é o princípio de que, conforme as acepções aparecem, vocábulos do novo grupo apresentam a propriedade de veicular a acepção surgida anteriormente. No quadro a seguir, exemplificamos o que estamos chamando de englobamento:

(12)

Vocábulos	Noções englobadas
sorveteiro	[agente]
saleiro	[locativo] [agente]
goiabeira	[árvore] [locativo] [agente]

Como se vê, temos, em (12), itens que são usados tradicionalmente como agente, locativo e árvore. A primeira noção está presente em todos os dados, configurando, nos dois últimos, casos de polissemia. A noção de locativo está presente em 'saleiro' e 'goiabeira'. Já a noção de árvore, aparece apenas em 'goiabeira'. Esse englobamento é, portanto, indício do caminho evolutivo das formas X-ariu, do latim ao português. Vamos, a seguir, tentar traçar o percurso histórico de -ariu.

Nos nomes de agente, a supressão do núcleo do SN parece ter ocorrido numa fase anterior à do latim clássico, já que, na escrita, encontramos apenas um dado ('faber ferrarius', "ferreiro") em que a profissão era nomeada por expressão sintática, apesar de a forma 'ferrarius' também já

ser aceita (Maurer Jr., 1959). Essa posição é reforçada quando observamos um grau relativamente grande de oscilação vocábulo/expressão sintática nos locativos X-ariu.

A presença de agentivos derivados de X-ariu nas línguas românicas legitima a recorrência de tais formas no latim vulgar. Perceba-se, na tabela a seguir, que a forma de -ariu, é sistematicamente regular nas quatro línguas neolatinas aqui tomadas para exemplificação: -eiro em português, -ero em espanhol, -er em francês e, por fim, -ere em italiano.

(13)

Línguas Românicas			
Português	Espanhol	Italiano	Francês
carvoeiro	carbonero		charbonnier
barbeiro	barbero	barbiere	
cocheiro	cochero	cocchiere	cocher
conselheiro	consejero	consigliere	conseiller
cozinheiro	cocinero	cuciniere	cuisinier
jardineiro	jardinero	giardinere	jardinier
Padeiro	panero	pannatiere	
Costureiro	costurero		couturière

Como em português, nomes de agente X-ariu, no latim vulgar, eram formados a partir de *inputs* substantivos concretos. Os dados de (14), extraídos basicamente de Torrinha (1939) e Maurer Jr. (1959), confirmam isso:

- (14) calcarius (caleiro)
 indusiarius (camiseiro)
 camelarius (cameleiro)
 porunarius (toucinheiro)
 vestiarius (roupeiro)
 linarius (linheiro)
 caprarius (pastor)
 ferrarius (ferreiro)
 lapidarius (lapidário)

Diferentemente da noção de agente profissional, veiculada sobretudo pelo formativo -ariu, a de local não se apresentava uniformemente materializada por esse sufixo, havendo alternância entre formas derivadas e construções sintáticas do tipo $[[X]_s [X\text{-ariu}]_{Adj}]_{SN}$. Em ‘taberna unguentaria’ (“perfumaria”), ‘arca uestiaria’ (“mala”) e ‘cella lintearia’ (“roupeiro”), por exemplo, o adjetivo X-ariu ainda acompanha um núcleo nominal de sentido genérico. Em outros dados, ao contrário, as formas X-ariu podiam veicular, sozinhas, a noção de locativo, como se vê em (15).

- (15) armarium (armário)
 stabularium (estábulo)
 cellarium (celeiro)
 atramentarium (tinteiro)
 galinarium (galinheiro)
 fumarium (estrumeiro)

Numa situação intermediária, encontravam-se SNs como ‘taberna libraria’ (“livraria”) e ‘cella pomaria’ (“pomar”), que podiam alternar com os substantivos ‘libraria’ e ‘pomaria’, respectivamente. Esses dados reforçam a tese de que a simplificação do sintagma nominal não havia se

processado integralmente no latim clássico⁶. A alternância forma X-ariu ~ construção sintática $[[X]_S [X\text{-ariu}]_{Adj}]_{SN}$ na materialização do conteúdo 'local onde se guarda, negocia ou se deposita X' sugere que -ariu passou a formar nomes de agentes antes de nomes de locais, tendo essa acepção se consolidado somente após o estabelecimento da significação agentiva.

Para Dressler (1986), quando determinado vocábulo é polissêmico e uma das significações envolvidas é a de agente, a acepção agentiva é a prototípica (central). Essa prototipicidade provém da primazia dessa noção no percurso histórico da língua, como comprova a partir da análise do sufixo latino -tor, resumida em (16) a seguir:

(16)

-tor: percurso significativo (Dressler, 1986)		
Exemplo	Significado	Fase
Laudator (que louva)	Agente	Latim clássico
Sector (secador)	Instrumento	Latim tardio
Pisciatore (pescadeira)	Locativo	Italiano

⁶ Vale dizer, ainda, que outros locativos, não possuidores da estrutura X-ariu, reforçam essas tendências. Assim, 'negotium tabernae' (mercearia), 'pistoria officina' (pastelaria) e 'locus piscosus' (peixaria), por exemplo, veiculam a noção de lugar por uma sintagma nominal constituído de núcleo + adjunto adnominal. 'Pistrina' (padaria) e 'saxetum' (local pedregoso) veiculam a semântica locativa por vocábulos não-derivados.

Dessa forma, -tor, no latim clássico, possuía apenas uma significação — a de agente. Do latim tardio⁷ ao italiano, esse sufixo adquire gradualmente dois outros significados: (i) instrumento e (ii) locativo. Essa evidência histórica justifica que a significação central de -tor, no italiano contemporâneo, é a de agente, sendo as demais consideradas polissêmicas (Dressler, 1986: 121).

Instrumentos são agentes, no sentido de que executam uma ação, mas também não deixam de ser interpretados como locais em que se realiza algum tipo de atividade. A referência de -tor, antes exclusivamente centrada no humano, passa paulatinamente a caracterizar um objeto executor (um agente, portanto) e um objeto apenas recipiente.

Do latim para o português, também se verifica esse esquema polissêmico, mas a noção de instrumento é veiculada por -(d)eira ('iogureira', 'inhoqueira'), sobretudo a partir de bases verbais ('batedeira', 'enceradeira'), razão pela qual não trataremos dessa acepção. No que diz respeito a -ariu(m), uma extensão facilmente incorporável ao esquema polissêmico proposto por Dressler (1986) e Booij (1986) foi a que se processou na denominação de árvores/arbustos, ainda no latim vulgar.

Nas línguas neolatinas, a referência a nomes de árvores e arbustos por formas cujo étimo é -ariu (17) nos faz inferir que essa acepção remonta ao latim vulgar. Na

⁷ A expressão 'latim tardio' foi usada, entre outros, por Camara Jr. (1979) para denominar o latim pós-clássico, quando a norma e a disciplina gramaticais enfraqueceram e quando traços dos romances já começavam a aparecer nas obras escritas.

modalidade escrita, como vimos, não aparece esse significado.

(17)

Língua Românicas				
Português	pereira	pessegueiro	figueira	noqueira
Espanhol			higuera	
Catalão	perera	presseger	figuera	noquer
Provençal	perier	persequier		
Italiano			ficaia	
Francês	poirier	pêcher		noyer
Formas Reconstruídas				
	pirarius	persicarius	ficarius	nucarius

No latim clássico, eram bem diferentes as formas designativas de nomes de árvores. ‘Pereira’, por exemplo, era ‘pirus’ (subst. masc. de 2^o decl.) e o fruto, ‘pêra’ (‘pirum’), apresentava a mesma base, mas pertencia ao gênero neutro e à quarta declinação. O mesmo acontecia com ‘malus’/‘malum’, para ‘macieira’, e ‘morus’/‘morum’ para ‘amoreira’. O que esses dados parecem revelar é que o processo envolvido entre o nome de um fruto e o de sua árvore correspondente era de natureza flexional, seja pela variação no grupo declinatório — quarto no nome dos frutos e segundo no das árvores —, seja pela alternância de gênero, masculino nas árvores e neutro nos frutos.

Também aqui, admite-se que a supressão de um substantivo genérico, num SN adjetivado por -ariu, tenha levado a essa nova acepção do sufixo. O próprio Maurer Jr.

(1959) já apontava para a existência de uma construção do tipo [[‘arbor’]_S [X_{fruta}-ariu]_{Adj}]_{SN} levando à expressão do nome da árvore correspondente. Fato é que essas novas construções X-ariu não remontam ao latim clássico, o que nos autoriza concluir que essa acepção é a última a aparecer no sistema polissêmico agente-locativo-árvore.

O que estamos chamando de englobamento justifica essa ordem. Um substantivo como ‘jambeiro’ pode ser entendido como o agente não-humano que produz o especificado na base ou como o local em que se desenvolve a fruta. As formas locativas, por sua vez, também podem ser interpretadas como agentivas, como ocorre com ‘gaveteiro’ e ‘roupeiro’. Agentes, ao contrário, não admitem outra interpretação que não a agentiva, de modo que ‘sorveteiro’ e ‘roqueiro’ têm referência centrada unicamente no humano.

Após atuação de dois processos fonológicos — metátese e alteamento vocálico —, o sufixo -ariu chega ao galego-português na forma de -eiro, veiculando os três significados que já apresentava em latim. O rastreamento de dados em obras escritas entre os séculos XII e XIV, como *A Demanda do Santo Graal*, *O Testamento de D. Affonso II* e *O Livro das Aves*) evidenciou total ausência de palavras com o sufixo -ário, o que nos autoriza concluir que as mesmas não eram recorrentes naquela época. Nesse estágio da língua, -ário já havia desaparecido, permanecendo algum resquício de -airo em formas como ‘contrairo’ e ‘vigairo’, por exemplo.

Essa informação histórica levanta, de imediato, uma série de questões:

- (a) se -ário não aparece em estágios mais pretéritos da língua, como explicar a existência de inúmeras formas assim afixadas no português contemporâneo?
- (b) de onde provêm essas construções e como elas se justificam historicamente?
- (c) de que maneira elas interagem, no léxico, com as formas X-eiro?

Na próxima seção, tentaremos responder essas questões, mostrando como a Morfologia Derivacional se reorganizou com a incorporação de formas X-ário.

4. sobre o retorno das formas x-ário

Nas gramáticas históricas, há duas grandes linhas interpretativas sobre a gênese de -eiro e de -ário. A primeira, defendida por Coutinho (1982), considera que o afixo latino originou os dois sufixos simultaneamente, tendo -ário ingressado por via erudita (língua escrita) e -eiro por via popular (língua falada). A segunda, cujo principal representante é Maurer Jr. (1959), atribui a -eiro o *status* de verdadeiro sucessor histórico de -ariu(m), sendo -ário resultante da ação (1) de empréstimos tardios do latim clássico e (2) de um processo analógico que reverteu a ação da mudança fônica -ariu > -airo > -eiro. Casos residuais, como 'contrairo' e 'vigairo', teriam "voltado à forma original" por pressão de novas palavras recém-introduzidas na língua, muitas delas com a forma X-ário.

Corroborando essa hipótese, podemos afirmar que -eiro nada mais é que -ariu(m) modificado no tempo e no espaço, ao passo que o rival -ário, sem ter percorrido os vários momentos evolutivos da língua, é mais recente e, por isso mesmo, mais semelhante, do ponto-de-vista formal, com o afixo-fonte.

De fato, as datações mais antigas das formas X-ário remontam aos séculos XV e XVI, o que não só endossa a constatação de Marinho (2000) — de que não há registros de -ário no galego-português e no português arcaico —, como também ratifica a hipótese de Maurer Jr. (1959) acerca da importação de formas, efetuada com o propósito de resgatar a tradição greco-latina. Veja-se o Quadro (18) a seguir, no qual distribuímos as 127 formas X-ário do *corpus*, levando em conta o século de entrada na língua⁸:

(18)

Século	Ocorrências	Frequência
XII	0	0%
XIII	0	0%
XIV	0	0%
XV	5	4,5%
XVI	9	7,1%
XVII	12	8,7%
XVIII	17	11,8%
IX	37	28,6%
XX	47	38,3%

⁸ Para a verificação dos séculos de ingresso na língua, tomamos por base Dicionários Etimológicos (cf., p. ex., Nascentes, 1990) e Gramáticas Históricas (cf. Coutinho, 1982, *inter alia*).

Como se vê, há uma espécie de *continuum* quanto ao percentual de formas X-ário incorporadas ao léxico do português do século XV ao XX. Inexistentes até o século XIV, tais construções só aparecem no século XV — todas importadas do latim clássico, como, por exemplo, ‘aquário’, ‘operário’ e ‘santuário’. Nos séculos XVII e XVIII, poucos foram os nomes latinos de agente e de local trazidos para o português (cf., p. ex., ‘antiquário’, ‘sacrário’, ‘emissário’ e ‘funcionário’), não se constatando reingresso de grande porte. No século XIX, ao contrário, houve importação maciça de nomes agentes X-ário. Uma vez que a maioria esmagadora desses itens provém do francês, podemos associar esse “boom” à Revolução Francesa, movimento político-filosófico que proporcionou o surgimento de novas atividades profissionais e, em conseqüência, justifica o grande volume de agentivos importados para o português nesse período.

O maior número de agentes profissionais X-ário data do século XX, como mostramos em (18)⁹. Nesse época, no entanto, ganham destaque formações X-ário em que o agente profissional se apresenta mais especializado semanticamente, adquirindo feição diferente não só dos substantivos em -ário pré-existentes, como também das formas X-eiro.

Construções como ‘financiarário’, ‘aeroviário’ e ‘eletricitário’ não denominam um ofício específico, como ‘sorveteiro’ ou ‘veterinário’, mas toda uma categoria de trabalhadores: o substantivo X-ário funciona como uma

⁹ As formações X-ário mais recentes, como ‘financiarário’, ‘hidroviário’ e ‘eletricitário’, não foram incluídas no Quadro (18), uma vez que, ainda não dicionarizadas, obviamente não constam de obras de caráter etimológico.

espécie de hiperônimo, como um termo “guarda-chuva” que abriga todo um conjunto de profissionais que têm em comum apenas a atividade nuclear que se especifica na base. Por exemplo, ‘rodoviário’ é um agentivo que faz referência à classe trabalhista cujo exercício profissional se desenvolve numa empresa de transporte rodoviário, de modo que motoristas, cobradores, fiscais e, até mesmo, bilheteiros podem ser genericamente denominados de ‘rodoviários’.

Acreditamos que a especialização de -ário tenha sido motivada por ‘operário’ — que de ofício específico (aquele que trabalha em obras; pedreiro — sécs. XV e XVI) passou a designar uma classe trabalhista, talvez por conta da Revolução Industrial. Com a importação de formas X-ário, a língua passou a apresentar dois sufixos praticamente idênticos no significado, uma vez que tanto a noção de agente quanto a de local, veiculadas pelas formas latino-clássicas reintroduzidas na língua, já eram amplamente assumidas por -eiro, como destacamos na seção 3. Não fazia sentido manter dois sufixos com a mesma função, de modo que -ário foi se especializando progressivamente, até que, no século vinte, deixou de designar “um profissional que comercializa, produz ou negocia X” para denominar “uma categoria de trabalhadores cuja atividade se relaciona com X”. A distribuição entre -eiro e -ário pode ser vista nos dados de (19) a seguir:

- (19)
- | | |
|-------------|---------------|
| Sapateiro | Financiarário |
| Sorveteiro | Metroviário |
| Coveiro | Bancário |
| Dogueiro | Eletricitário |
| Quiosqueiro | Hidroviário |

Todas as novas construções X-ário, como 'hidroviário' e 'urbanitário', não denominam um profissional específico, de modo que sua produtividade está relacionada à formação de agentes hiperonímicos, distanciando-se, portanto, do irmão-rival -eiro. Se assumirmos uma escala de prestígio social e nível de educação formal/intelectualização para os agentivos denominais do português (Gonçalves & Costa, 1997), podemos dizer que -eiro ocupa posição mais periférica, uma vez que, ao contrário de -ário ('mesário' e 'bancário'), -ista ('oftalmologista' e 'articulista') e -logo/-grafo ('filólogo' e 'geógrafo'), é responsável pela formação de profissões que requerem mais conhecimento prático que teórico, menor nível de escolarização e, conseqüentemente, menos prestigiadas do ponto-de-vista sócio-econômico. Veja-se a escala em (20).

(20)
-eiro >>> -ário >>> -ista >>> -logo/-grafo
>>>>>> maior nível de intelectualização,
prestígio e conhecimento teórico

Além da diferença de *status* sócio-econômico, -eiro e -ário também se diferenciam pelo tipo de base tomada como *input* para a formação dos agentes profissionais. No caso de -eiro, as bases são sempre substantivos concretos ('vidraceiro', 'copeiro' e 'cabeleireiro'), enquanto -ário também pode acessar substantivos abstratos ('financiarário') e deverbais ('funcionário'). Dessa maneira, -eiro e -ário, apesar de relacionados historicamente, comportam-se, no português contemporâneo, como sufixos distintos, distribuindo-se complementarmente tanto na formação de nomes de agentes, quanto de locais, como detalharemos a seguir.

Com os locativos, a grande incidência de formações se deu no século XX. Assim como com os agentivos, os locativos em -ário também sofreram especialização, tendo seu sentido levemente alterado. As primeiras palavras que designam locativo datam do século XV e XVI e têm o mesmo sentido de -eiro: “lugar onde se deposita ou se guarda X”, como ‘armário’ e ‘sacrário’ (cf. ‘cinzeiro’ e ‘galinheiro’).

Do século XVII aos dias de hoje, as formações X-ário foram progressivamente veiculando o significado de “lugar onde é criado, cultivado ou exposto X”, como se vê nos exemplos que se seguem (21), todos datados do século XX. Podemos associar esse número significativo de exemplos encontrados à descoberta de novas técnicas de criação e/ou exposição de animais e plantas, com fins lucrativos ou não, de modo que -ário é produtivo hoje somente com esse tipo de função, diferindo, portanto, de -eiro, cuja acepção locativa básica é a de [+ depositável].

(21)	Ranário	Bromelhário
	Libelulário	Orquidário
	Minhocário	Serpentário
	Insetário	Apiário

Podemos afirmar, portanto, que as construções locativas X-ário, embora reintroduzidas com a mesma função das formas X-eiro então vigentes, foram adquirindo nova significação ao longo do tempo, distanciando-se progressivamente das co-irmãs pré-existentes. Os dados de (22) mostram haver diferenças significativas entre locativos X-eiro e locativos X-ário. Os traços [guardável], [depositável] e [estático] possibilitam visualizar a distribuição:

(22)

Locativos em -eiro	Locativos em -ário
saleiro, roupeiro, cinzeiro	apiário, ranário, libelulário,
[+ guardável, + depositável; + estático]	[- guardável; - depositável; - estático]

A título de conclusão e de reforço ao que já foi dito, podemos afirmar que os sufixos -eiro e -ário não são sinônimos, apesar de apresentarem o mesmo étimo e de veicularem significados próximos. Ao ser reincorporado ao português, -ário teve de se ajustar, especializando-se em relação ao “irmão-rival”, pois, mostram Ilari & Geraldi (1989), nas línguas não há espaço para a sinonímia.

5. Os caminhos da mudança

Em linhas gerais, os caminhos das mudanças morfológicas aqui examinadas fornecem evidências em favor da proposta de Bybee (op. cit.), no que diz respeito às noções de (a) escalaridade e (b) prototipicidade. Nas construções X-nte e X-logo/X-grafo, mostramos que não são intransponíveis os limites entre os processos morfológicos, que podem transitar ao longo de um *continuum* Composição-Derivação-Flexão. Nas duas últimas seções, vimos que a distribuição entre -eiro e -ário emerge a partir da idéia de significado prototípico. Embora apresentem atributos compatíveis, -eiro e -ário diferem no que diz respeito ao uso mais prototípico ou mais periférico dos significados agentivo e locativo, de modo que as acepções mais centrais competem a -eiro, afixo mais antigo na língua.

A noção de agente profissional – como ser que “executa a atividade/ofício especificada na base” (Gonçalves & Costa, 1997) – está presente tanto em -eiro quanto em -ário. No entanto, em -eiro essa referência é central (ou mais prototípica), uma vez que a profissão é identificada pela própria base, o que não acontece com -ário: o que se especifica na base não é propriamente o ofício, mas a categoria profissional. O mesmo raciocínio pode ser encaminhado às formações locativas. O significado genérico de “lugar” aparece nos dois tipos de construções, mas em X-ário não se tem unicamente um local em que se deposita/guarda o especificado pela base (local mais prototípico). No caso de X-ário, esse lugar é também o local onde se desenvolve algum tipo de atividade (p. ex., criação, exposição, cultivo ou discussão), como acontece com ‘educandário’, ‘insetário’ e ‘plenário’.

Todos os fenômenos aqui descritos sustentam a proposta de Taylor (1989), segundo a qual a categorização lingüística se processa na base de protótipos. A prototipicidade vem a ser manifestação de duas propriedades fundamentais da categorização: (1) a não-igualdade entre os elementos de uma mesma classe e (2) a não-discrição, ou seja, a flexibilidade desses mesmos elementos e dessas mesmas classes (Taylor, 1989: 59).

Ao longo desta Unidade, procuramos mostrar que atributos compatíveis entre categorias — semânticas, no caso dos afixos -eiro e -ário, e morfológicas, no caso de X-nte e X-logo/-grafo — tornam tênues os limites entre elas, fazendo com que a mudança morfológica percorra caminhos relativamente previsíveis.

Referências Bibliográficas

- AEBISCHER, V. & FOREL, C. (1991). *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense.
- AGUIAR, M. & RIBEIRO, G. (1925). *Gramática latina*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos.
- ALVES, I. M. (1987). Aspectos da composição nominal em português. *ALFA*, 20 (1): 7-15.
- ALVES, J. B. (2002). *Morfopragmática das construções truncadas no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- AMORIM, A. & MADEIRO, G. (2001). *Agentivos denominais em -logo e -grafo: percurso histórico*. Comunicação apresentada na JIC da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- ANDERSON, S. (1982). Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, 13 (4): 571-612.
- AURÉLIO /FERREIRA, A./ (2000). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BASÍLIO, M. (1980). *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes.

- BASÍLIO, M. (1981). *Re-estudo de agentivos*. Comunicação apresentada no IV Encontro de Lingüística da PUC-Rio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, mimeo.
- BASÍLIO, M. (1987). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- BASÍLIO, M. (1990). *Produtividade, função e produção lexical no português falado*. Campinas: ALFAL/UNICAMP, p. mimeo.
- BASÍLIO, M. (1997). Regras são clichês lexicais. *Veredas*, 2 (1): 9-23.
- BECHARA, E. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Grifo.
- BISOL, L., org. (2000). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BOER, G. (1982). *Paradigms*. *Language*, 56 (1): 134-56.
- BOOIJ, D. (1986). Form and meaning in morphology: the case of dutch agent-nouns. *Linguistics*, 24 (1): 503-17.
- BRANDÃO, C. (1933). *O particípio presente e o gerúndio em português*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- BRUNNER, M. L. (1995). *Processos de intensificação na fala culta carioca*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.
- BYBEE, J. (1985). *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CAGLIARI, L. C. (1992). Prosódia: algumas funções dos suprasegmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23 (1): 137-51.
- CAMPOS, J. (1977). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CARDOSO, Z. (1990). *Iniciação ao latim*. São Paulo: Ática.
- COOPER-KUHLEN, E. (1986). Function of intonation. In: ---. *An introduction to english prosody*. London: Niemeyer.
- COROMINAS, J. (1987). *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos.
- COULTHARD, M. (1991). *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- COUTINHO, Ismael. (1982). *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico.
- CUNHA, C. F. (1975). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME.
- CUTLER, A. & LADD, D. R. (1983). *Prosody: models and measurements*. Berlin: Springer-Verlag.
- DRESSLER, W. & KIEFER, F. (1990). *Morphopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- DRESSLER, W. (1986). Explanation in natural morphology illustrated with comparative agent-noun formation. *Linguistics*, 24 (1): 518-48.

- DUARTE, P. M. (1999). Sobre o conceito de prefixóide em morfologia. *Palavra*, 5 (1): 171-91.
- FAVA, S. P. (1998). *Gramaticalizações do particípio presente*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- FERRARI, L. (1995). *Gramaticalização e polissemia nas reduzidas de gerúndio*. Juiz de Fora: Departamento de Letras da UFJF.
- FREIRE, A. (1992). *Gramática latina*. Lisboa: Livraria A. I.
- GONÇALVES, C. A. (1997). *Focalização no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2 vols., mimeo.
- GONÇALVES, C. A. (1999). *Agentivos denominais no português do Brasil: produtividade e produção*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.
- GONÇALVES, C. A. (2001). Flexão/Derivação: do *continuum* a categorias discretas. *Cadernos Seminal*, 10 (1): 1-21.
- GONÇALVES, C. A. (2002). *Processos morfológicos não-concatenativos: abordagem morfo-prosódica*. Projeto de Pós-Doutoramento apresentado ao CNPq. Campinas: UNICAMP, p. mimeo.
- GONÇALVES, C. A. & COSTA, R. G. (1997). Um caso de distribuição complementar no léxico: os agentivos denominais em português. *Letras & Letras*, 13 (1): 41-56.

- GREEN, G. (1992). *Pragmatics and natural language understanding*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- ILARI, R. & GERALDI, W. (1989). *Semântica*. São Paulo: Ática.
- JOSEPH, B. (1998). Diachronic Morphology. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, p. 351-73.
- KASTOVSKY, D. (1986). The problem of productivity in word formation. *Linguistics*, 24 (1): 585-600.
- KIEFER, F. (1998). Morphology and Pragmatics. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The handbook of Morphology*. London: Basil Blackwell.
- LAVANDERA, B. (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette.
- MADEIRO, G. (2001). *Analogia ao ovo e à galinha: sobre a questão da direcionalidade na formação de agentivos X-logo/-grafo*. Comunicação apresentada na JIC da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- MARAFONI, R. L. (2000). *A amostra Censo Recontactada e os estudos de painel*. Comunicação apresentada na XV JIC. Rio de Janeiro: UFRJ/Fac. de Letras, mimeo.
- MARINHO, M. A. F. (2000). *Agentivos Denominais no Português do Brasil: Condições de Produtividade e Condições de Produção*. Terceiro Relatório apresentado à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Rio, UFRJ/ Fac. de Letras.

- MATTOSO CAMARA JR. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- MAURER Jr, T. H. (1959). *Gramática do Latim Vulgar*. Rio: Livraria Acadêmica.
- MIRANDA, N. S. (1979). Estudo sobre a produtividade dos agentivos verbais. *Anais do III Encontro Nacional de Lingüística*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- MORAES, J. A. (1999). *À propos des marques prosodiques du style effeminé en portugais brésilien*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fac. de Letras, mimeo.
- NASCENTES, A. (1990). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- OLIVEIRA, M. T. & LOPES, C. (1995). *Sexo: uma variável produtiva*. Rio de Janeiro: UFRJ/NURC-Rio.
- PAIVA, M. C.; OLIVEIRA e SILVA, G. & RONCARATI, C. N. (1992). *Sexo e sua relação com outras variáveis*. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional da ANPOLL. Recife: UFPE, mimeo.
- PIZA, M. T. (2001). *Gênero, número e grau no continuum Flexão-Derivação em português*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.
- SANDMANN, A. J. (1989). *Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro*. Curitiba: Scentia & Labor.

- SANDMANN, A. J. (1997). *Morfologia Lexical*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto.
- SANTOS, L. Antônio dos. (1924). *Grammatica latina*. São Paulo. 4ª. edição.
- SILVEIRA, C. M. (2002). *Cruzamento vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- SOUSA, Joaquim Alves de. (1900). *Grammática elementar da língua latina*. Coimbra F. França Amado — editor. 14ª. edição.
- SPINASSÉ, K. P. (2000). *Formas X-ário em português: produtividade e produção*. Relatório Final de Pesquisa enviado ao CNPq. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo.
- STUMP, D. (1998). Inflection. In: ZWICKY, A. & SPENCER, A. (eds.). *The handbook of morphology*. Oxford: University Press.
- TAYLOR, J. (1989). *Linguistic Categorization*. New York: Oxford University Press.
- THORNE, B. & HENLEY, N. (1975). *Language and sex*. Rowley: Newbury House.
- TORRINHA, D. (1939). *Dicionário português-latim*. 2ª ed., Porto: Editorial Domingos Barreira

- VILALVA, A. (2000). *Estruturas morfológicas do português*. Lisboa: Almedina.
- VÔTRE, S. et alii (1998). *Introdução à Lingüística Funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- WANG, W. (1970). Competing Changes as a Cause of Residue. *Language*, 50 (1): 17-80.
- WETZELS, L. (1992). Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23 (1): 19-55.
- WOLFRAN, W. & FASOLD, R. (1974). *The study of social dialects in American English*. New Jersey: Prentice-Hall.
- YACOVENCO, L. L. (2000). *O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.